

Tiago Mota da Silva

## **O REINO DE DEUS À LUZ DAS PARÁBOLAS DE MATEUS 13**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Meurer

Florianópolis  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática da  
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Silva, Tiago Mota da  
O Reino de Deus à luz das parábolas de Mateus 13 / Tiago Mota  
da Silva; Orientador: Gilson Meurer; Florianópolis, SC, 2021.  
64 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa  
Catarina.

Inclui referências:

1. Reino de Deus 2. Parábolas 3. Jesus 4. Mateus. II. Título.

Tiago Mota da Silva

## **O REINO DE DEUS À LUZ DAS PARÁBOLAS DE MATEUS 13**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 10 de agosto de 2021.

---

Prof. Dr. Rafael Aléx Lima da Silva  
Coordenador do Curso

### **Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Gilson Meurer  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Dr. Renuis Porath  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador

---

Profa. Msc. Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliadora



Aos meus pais Osnivaldo e  
Zulmerinda (in memoriam).



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, Pai de infinita bondade por ter guiado meus passos até aqui. Aos meus pais Osivaldo Pinguelo da Silva e Zulmerinda Mota da Silva (in memoriam), por terem possibilitado o dom da vida, e pelo apoio durante a caminhada. À minha irmã Juliana Mota da Silva pelo incentivo e confiança depositada. À toda Diocese de Criciúma, na pessoa de Dom Jacinto Inácio Flach. Também aos padres que contribuíram neste período com minha formação: Pe. José Aires de Souza Pereira e ao Pe. Thiago De Moliner Eufrásio que conduziram parte desta presente etapa formativa. Aos seminaristas da diocese de Criciúma, que me acompanharam neste período. A todos os professores e funcionários desta Instituição, em especial ao professor Pe. Gilson Meurer, pela firme decisão de me orientar nesta pesquisa. Aos colegas e amigos que, de alguma forma, muito contribuíram para que esta pesquisa fosse realizada, seja nas correções ou ainda com o incentivo para que ela fosse realizada.



Por isso, todo escriba que se tornou discípulo do Reino dos Céus é semelhante ao proprietário que do seu tesouro tira coisas novas e velhas.

(Mt 13,52)



## RESUMO

O presente trabalho, de ordem bibliográfica, tem o intuito de aprofundar a temática do Reino de Deus à luz das parábolas apresentadas por Mateus. Para tal fim, este trabalho foi realizado em três etapas. A primeira analisa a concepção de Reino de Deus no Antigo Testamento, como foi influenciada e o desenvolvimento dessa concepção. A segunda etapa apresenta o contexto histórico e as ideias de reino no tempo de Jesus, a comunidade cristã nascente vive no ambiente judaico dominado pelo Império Romano, neste contexto a esperança messiânica é reavivada. A terceira etapa descreve a teologia do Reino no capítulo 13 do Evangelho de Mateus, onde a partir das parábolas o Reino é apresentado como uma realidade que é semeada, cresce, transforma, possui um imensurável valor e nos leva a viver a vida definitiva.

**Palavras-chave:** Reino de Deus. Parábolas. Jesus. Mateus.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>1 REINO DE DEUS</b> .....	<b>17</b>
1.1 A INFLUÊNCIA DOS POVOS DO ORIENTE PRÓXIMO NO PENSAMENTO DE ISRAEL.....	18
1.2 REALEZA EM ISRAEL.....	19
<b>1.2.1 Os Profetas</b> .....	<b>23</b>
1.3 A PROMESSA MESSIÂNICA.....	24
<b>2 O EVANGELHO DE MATEUS</b> .....	<b>31</b>
2.1 ISRAEL SOB OS IMPÉRIOS .....	31
<b>2.1.1 A dominação romana</b> .....	<b>33</b>
<b>2.1.2 Conflito judeu-romano</b> .....	<b>34</b>
2.2 O AMBIENTE JUDAICO .....	36
2.3 ESPERANÇA MESSIÂNICA .....	38
2.4 O REINO EM MATEUS .....	40
<b>3 O REINO NAS PARÁBOLAS</b> .....	<b>43</b>
3. 1 CAPÍTULO 13 DE MATEUS .....	46
<b>3.1.1 O Reino de Deus é semeado</b> .....	<b>48</b>
<b>3.1.2 O Reino em crescimento</b> .....	<b>51</b>
3.1.2.1 O grão de mostarda .....	51
3.1.2.2 O fermento na massa.....	52
<b>3.1.3 O valor do Reino</b> .....	<b>54</b>
<b>3.1.4 A escatologia do Reino de Deus</b> .....	<b>56</b>
3.1.4.1 A parábola do joio e do trigo.....	56
3.1.4.2 A parábola da rede.....	58
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>61</b>



## INTRODUÇÃO

Entre os temas centrais da pregação de Jesus está o Reino de Deus. Este tema apesar de tão presente na pregação de Jesus, pode se apresentar como um dos mais difíceis de compreender. Em nenhum momento do Novo Testamento apresenta uma definição do que vem a ser o Reino de Deus. Jesus fala dele como uma realidade conhecida e apresenta alguns aspectos através de parábolas.

O presente trabalho, de cunho teórico-bibliográfico, busca aprofundar a temática do Reino de Deus à luz das parábolas apresentadas por Mateus. Em sua catequese, o discurso parabólico de Jesus aparece como centro, na qual encontram-se sete parábolas em que o Mestre aponta características próprias do Reino de Deus. Contudo, apesar de as parábolas apresentarem caminhos para se conhecer o Reino, elas de forma alguma o delimitam ou conceituam.

No primeiro capítulo, busca-se analisar a concepção de Reino de Deus no Antigo Testamento. Vale ressaltar que o Reino de Deus não é um assunto exclusivo do Novo Testamento, mas estava presente na vida e na literatura do povo no Antigo Testamento. Para tal proposta ser efetivada o primeiro capítulo se divide assim: num primeiro momento é apresentada a influência dos povos do oriente próximo no pensamento de Israel, ou seja, como os outros povos presentes no antigo oriente próximo celebravam algumas de suas divindades como rei, e como isso influenciou Israel. Num segundo momento é apresentado como a concepção de Deus como rei vai se desenvolvendo e como isso reflete também na política de Israel. Em seguida é apresentada a atividade dos profetas que denunciam a infidelidade dos reis terrenos e diante do fracasso da monarquia passam a anunciar um novo tempo, onde um descendente de Davi reinará sobre todo o Israel. E, por fim são apresentados alguns aspectos da promessa Messiânica, através da obra de alguns profetas que anunciam a vinda do Messias como rei que restaurará o reinado de Deus e libertará o seu povo. A promessa messiânica encontra seu pleno cumprimento na pessoa de Jesus de Nazaré.

Tendo analisado a concepção de Reino de Deus no Antigo Testamento, o segundo capítulo apresenta o contexto histórico e as ideias de reino presentes no tempo de Jesus. O evangelho de Mateus é escrito por volta do ano 80 da era cristã e, para melhor compreender a sua mensagem, é preciso conhecer a realidade que vive a comunidade cristã. Diante disso, num primeiro momento é apresentado o contexto social de Israel que se encontrava sob a dominação dos Impérios,

colocando-se em destaque a dominação romana e ao conflito que esta gerou na região. Num segundo momento é apresentado o ambiente judaico com o qual a comunidade de Mateus convivia. Em seguida são apresentadas as esperanças que os grupos religiosos do século I nutriam na vinda do Messias. Por fim é apresentado de forma breve e geral o tema do Reino no Evangelho de Mateus.

No terceiro capítulo desta pesquisa, buscar-se-á descrever a teologia do Reino de Deus presente nas sete parábolas do capítulo 13 do evangelho de Mateus. Inicialmente é apresentado o conceito de parábola, como uma forma de comparação, e como ela é empregada nos evangelhos. Num segundo momento é descrito como as parábolas estão apresentadas no capítulo 13 de Mateus. Na sequência a teologia contida nas parábolas é descrita por meio de blocos temáticos, a saber: o Reino de Deus é semeado; o Reino em crescimento; o valor do Reino; e, por fim, a escatologia do Reino de Deus.

O presente trabalho tem como desejo levar o leitor a conhecer como o Reino de Deus é tratado no Antigo Testamento, qual o contexto mateano no qual as parábolas são escritas, e a teologia que elas propõe como forma de interpretar a temática do Reino de Deus. Entendendo o Reino de Deus como proposta de vida a ser assumida e como promessa escatológica.

## 1 REINO DE DEUS

A temática do Reino de Deus<sup>1</sup> é basilar na vida e na fé cristã, pois Jesus Cristo veio anunciá-lo à humanidade como realidade próxima das pessoas. Jesus inaugurou sua missão e pregação anunciando a plenitude dos tempos e a proximidade do Reino de Deus.<sup>2</sup>

A expressão Reino de Deus<sup>3</sup> é empregada principalmente nos evangelhos sinóticos e, algumas vezes, em outros escritos neotestamentários, como em João, em Paulo e no Apocalipse. Mateus utiliza o termo Reino 54 vezes, Marcos 18 e Lucas 45. Os sinóticos demonstram, desse modo, um interesse prioritário no anúncio feito por Jesus.<sup>4</sup>

Quando o Novo Testamento cita o Reino, está tratando de uma realidade já conhecida pelos ouvintes, recordada a partir dos relatos do Antigo Testamento. O assunto do Reino de Deus não é uma novidade do Novo Testamento, ele já está presente na literatura e na vida do povo do Antigo Testamento. “A expressão ‘Reino de Deus’ aparece na maior parte das vezes nos últimos textos do Antigo Testamento (Tb 13,2; Sl 145,11-12; 2Cr 13,8; Dn 3,100; Sb 10,10) e na literatura intertestamentária como Enoc [...]”.<sup>5</sup> Ao utilizar-se do termo Reino, coloca-se em jogo uma expressão política para designar a ação de Deus; o agir de Deus expressa-se em analogia com o senhorio humano.<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Mateus preferia em sua obra o uso do termo Reino dos Céus, mas doravante, vai-se usar neste trabalho o termo técnico e genérico Reino de Deus.

<sup>2</sup> BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010; Mt 4,17.

<sup>3</sup> São, sobretudo, os sinóticos que gostam de apresentar a atuação salvífica de Deus no mundo sob a imagem de um domínio régio. O termo grego *Basiléia*, bem como o hebraico *malkut*, significam, em primeiro lugar, a dignidade, o poder e, sobretudo, o governo ativo de um rei, e apenas em segundo lugar o seu território; [...] Uma expressão como *entrar no Reino* (Mt 5,20 7,21; 18,3; 19,23s etc.) bem como a imagem equivalente *entrar na vida* (18,8; 19,17) não significa, portanto, outra coisa, senão participar dos bens messiânicos que Deus reservou para o novo mundo. (NELIS, J. Reino de Deus. In: BORN, Adrianus. V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 1289-1295. p. cit. 1289, grifo do autor.).

<sup>4</sup> MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos: formação, redação, teologia**. Trad. Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 181.

<sup>5</sup> MARCONCINI, 2001, p. 182.

<sup>6</sup> BUSSMAN, Magdalene. Reino de Deus. In: EICHER, Peter (Org.). **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993. p. 765-775. p. cit. 765.

## 1.1 A INFLUÊNCIA DOS POVOS DO ORIENTE PRÓXIMO NO PENSAMENTO DE ISRAEL

No oriente próximo, viviam diversos povos com os quais Israel tinha contato. Cada uma destas nações ou povos vizinhos praticava sua própria religião, muitas vezes influenciadas umas pelas outras. Nessas religiões, ao deus criador geralmente era atribuído o título de rei, rei sobre o mundo e sobre toda a sua criação. O deus que está ligado à criação, como seu autor, recebe o título de rei entre os outros deuses. Partilhavam dessas ideias grande parte das religiões do antigo Oriente, entre elas: egípcias, sumérias, acádias, cananeias, fenícias, entre outras. Essa concepção inicialmente não ocupou um lugar central no pensamento religioso de Israel; é por influência estrangeira que surge esse pensamento.<sup>7</sup>

A importância que a concepção da divindade como rei possuía na vida religiosa em Canaã e na Fenícia se torna mais clara diante do uso numeroso do termo *mlk* (rei), e em nomes próprios ou atributos de nomes. Por exemplo: Melquiel, Elimelek, Abimelek e Melquisedec. Todos eles têm em sua composição o termo *mlk* como forma de fazer referência à realeza.<sup>8</sup>

Como visto, a celebração de Deus como Rei é um tema comum nas religiões do antigo Oriente próximo. No Egito, o deus criador Ptah recebia o título de rei; no mito babilônico da criação, Enuma Elish, é Marduc que transforma o caos em cosmos, que recebe dos deuses a título de rei. Na Babilônia havia uma festa para celebrar a ordem e a criação, a qual recordava a entronização de Marduc como rei, após sua vitória sobre o caos. Nos textosugaríticos, o deus supremo El, que criou a deusa do mar Asera, tem o título de rei; Baal vencendo seu inimigo Yam, o mar, conquista a sua dignidade régia e a liturgiaugarítica o saúda como ‘nosso rei’.<sup>9</sup>

Da realeza dos deuses também dependiam os reis terrenos, os quais muitas vezes eram legitimados através de sua relação com os deuses. Alguns deuses escolhiam seus favoritos para reinar; outros tinham filhos com humanas para assumir esse posto. Por exemplo, na Babilônia Nabucodonor exercia na terra a realeza de Marduc. Indo um pouco além, no Egito, os Faraós eram tidos como deuses. Entende-se,

---

<sup>7</sup> NELIS, 1977, p. 1289-1290.

<sup>8</sup> NELIS, 1977, p. 1289.

<sup>9</sup> NELIS, 1977, p. 1289.

pois, que a realeza divina era um apoio ideológico para os estados terrenos.<sup>10</sup>

A atribuição de realeza à divindade é um modelo comum no Oriente médio: em Israel, enfatizava-se a realeza de Iahweh.

## 1.2 REALEZA EM ISRAEL

O povo de Israel, no período pré-exílico, celebrava uma festa anual da realeza de Deus e da criação.<sup>11</sup> O tema da realeza de Iahweh se encontra celebrado no salmos de realeza por exemplo:

Povos todos, batei palmas, aclamai a Deus com gritos alegres! Pois Iahweh, o Altíssimo, é terrível, é o grande Rei sobre a terra inteira. Ele põe as nações sob o nosso poder, põe-nos os povos debaixo dos pés. [...] Deus sobe por entre ovações, Iahweh, ao clangor da trombeta. Tocai para o nosso Deus, tocai, tocai para o nosso Rei, tocai!<sup>12</sup>

Há vários salmos que refletem sobre a realeza de Deus. Entre eles o salmo 99 apresenta em algumas de suas passagens, em que Deus figura como o grande rei da terra: “Iahweh é rei: os povos estremeçam! [...] Tu és o rei que ama o julgamento”.<sup>13</sup> O reinado de Deus é marcado pela justiça e pelo direito, “Iahweh é rei! Que a terra exulte, as ilhas numerosas fiquem alegres! Envolvem-no Trevas e Nuvens, Justiça e Direito sustentam o seu trono”.<sup>14</sup> A justiça e o direito do reinado de Deus geram a paz para seu povo.<sup>15</sup>

O calendário litúrgico pós-exílico<sup>16</sup> menciona uma festa de Ano Novo celebrada “no primeiro dia do sétimo mês”<sup>17</sup>. Segundo os escritos

---

<sup>10</sup> PIXLEY, George V. **O Reino de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 30-31.

<sup>11</sup> PIXLEY, 1986, p. 19-20.

<sup>12</sup> Sl 47,2-4,6-7.

<sup>13</sup> Sl 99,1-3.

<sup>14</sup> Sl 97,1-2.

<sup>15</sup> KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 24.

<sup>16</sup> Lv 23; Nm 28,30.

<sup>17</sup> PIXLEY, 1986, p. 21.

rabínicos, reunidos depois da destruição do templo, o tema desta festa seria a realeza de Deus.<sup>18</sup>

O termo empregado pelo texto hebraico do Antigo Testamento para o título de rei seria o termo *mlk* (*melek*). Deste termo, derivam-se outros três:

Melukat pode geralmente ser traduzido por “realeza” [...] Malkut é, de preferência, o equivalente a “reinado” isto é do poder real, [...] Mamelakah designa de preferência o “reino”, com sentido mais amplo [...].<sup>19</sup>

Encontram-se na Sagrada Escritura muitas expressões usadas para falar da realeza de Deus, como a fórmula abstrata reinado/senhório régio de Deus encontrado no primeiro e segundo livro das Crônicas (1Cr 28,5; 2Cr 13,8).<sup>20</sup>

Há também a possibilidade de Israel ter usado o título de Rei para Iahweh antes da formação do seu Estado. Buber defende que o caráter régio de Deus pertence a um Israel primitivo. Apoia-se na suposição de que, no período em que as tribos dos hebreus ainda eram nômades, empregava-se o termo *mlk* com o sentido de guia conselheiro, assim como é encontrado na literatura religiosa da Mesopotâmia, onde conselheiro é um termo atribuído aos deuses.<sup>21</sup>

Porém não há nenhuma prova escrita quanto ao uso do termo *mlk* nos escritos desse período, sendo que o Antigo Testamento não atribui nenhuma importância a esse título nesse período primitivo. Já no Pentateuco, bem como nos livros históricos, aparece em alguns momentos o título de Rei referindo-se a Javé.<sup>22</sup>

[...] o Pentateuco fala só em duas passagens de Javé como rei (Ex 15,18 e Nm 23,21; Dt 33,5 é discutido), a obra histórico-deuteronomista introduz a concepção de Javé como rei somente

<sup>18</sup> PIXLEY, 1986, p. 21.

<sup>19</sup> QUESNEL, Michel. Introdução. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997. p. 7-11. p. cit. 9, grifo do autor.

<sup>20</sup> BUSSMAN, 1993, p. 766.

<sup>21</sup> NELIS, 1977, p. 1290.

<sup>22</sup> BUSSMAN, 1993, p. 766.

em conexão com o problema do reinado político em Israel (1Sm 8; 12).<sup>23</sup>

Depois que Israel se instala em Canaã, busca-se recorrer a essa representação simbólica de Javé como Rei para expressar a relação Dele com o seu povo. “[...] Gedeão, porém, lhes respondeu: Não serei eu vosso soberano, nem tampouco meu filho, porque é Iahweh quem será nosso soberano.”<sup>24</sup> Apesar de Javé reinar sobre Israel, o título de rei não sugere apenas sua grandeza e determina o caráter de seu culto, mas descreve sua relação com o seu povo.<sup>25</sup>

O fato de Deus reinar em Israel, significa que este povo é seu e que eles vivem em função da glória de Iahweh. O povo pode viver na sombra do Senhor e, Ele deve protegê-lo de todo o mal.<sup>26</sup> Deus reina sobre todas as nações, mas entre elas elegeu Israel como seu domínio particular e, através da Aliança que firma com seu povo, faz dele “[...] um reino de sacerdotes, uma nação santa”.<sup>27</sup>

Israel não segue o modelo dos povos vizinhos onde seus governantes eram considerados deuses ou semi-deuses. Os líderes em Israel não são elevados a uma condição divina, mas vistos como instrumentos de Deus. A comunidade do Israel primitivo, diferente dos povos vizinhos, acredita que a realeza de Deus se opõe à soberania dos homens, que todo aquele que se levanta como rei se coloca contra a realeza de Deus. Em Israel, o único Deus e Rei a quem se deve a lealdade é Iahweh.<sup>28</sup>

No primeiro livro de Samuel, quando os juízes se deixam levar pela ganância e se desviam do direito, o povo de Israel pede a Samuel que lhes dê um rei para que os governe.<sup>29</sup> Samuel pensa ser rejeitado pelo povo, mas é Deus quem assume a rejeição: “Atende a tudo o que te diz o povo, porque não é a ti que eles rejeitam, mas é a mim que eles rejeitam, porque não querem mais que eu reine sobre eles”.<sup>30</sup> Só Iahweh

---

<sup>23</sup> BUSSMAN, 1993, p. 766.

<sup>24</sup> Jz 8,23.

<sup>25</sup> DEVILLE, Raymund; GRELOT, Pierre. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 871-877. p. cit. 872.

<sup>26</sup> NELIS, 1977, p. 1291.

<sup>27</sup> Ex 19,6.

<sup>28</sup> PIXLEY, 1986, p. 30.

<sup>29</sup> 1Sm 8.

<sup>30</sup> 1Sm 8,7.

pode reinar sobre o povo de Israel. Os reis de Israel não podem reinar plenamente, pois só Iahweh era o Rei verdadeiro. Apenas um rei que seja subordinado e obediente a Deus é digno de governar Israel.<sup>31</sup>

Deus reina em Israel por meio de um delegado, que, como já visto, deve ser digno e fiel a tal cargo diante de Deus. O rei Davi é reconhecido como um rei que foi instrumento de Deus no governo de Israel. O rei ungido é o enviado de Deus para realizar seus planos de justiça e salvação. A realeza de Davi é firmada por Deus devido a sua substancial fidelidade.<sup>32</sup>

O Rei Davi conquista a cidade de Jerusalém e ali ergue seu palácio e deseja construir o templo para Iahweh, tornando Jerusalém a cidade do Rei. Davi garante ao povo segurança e paz diante das invasões estrangeiras e o respeito às tradições de Israel. Davi aparece como um líder muito habilidoso que respeita as tradições políticas israelitas, que se mostra como um piedoso adorador de Iahweh e que protege as tribos sem tirar-lhes a liberdade. Davi é o modelo de Rei que reina conforme os desígnios do Senhor.<sup>33</sup>

Israel tem uma estrutura política que evolui com o tempo. Os reis de Israel detêm a realeza de Javé, a quem devem servir durante seu governo. A partir da instauração de uma realeza humana em Israel, o Reino de Deus tem como suporte um reino humano inserido na política internacional. Quando a causa do Reino de Deus não coincide com as ambições terrestres dos reis, instaura-se uma monarquia ambígua. Os profetas denunciam os pecados e a infidelidade dos reis, os quais não se subordinam à vontade do verdadeiro rei.<sup>34</sup>

Deus é o rei justo, o modelo que os reis de Israel deviam seguir. Diante das injustiças e da desconfiança frente aos reis, o povo de Israel não se esqueceu de que o Reino de Deus é de justiça e paz. A promessa de justiça vinda do alto é a esperança do povo.<sup>35</sup> “Amor e Verdade se encontram, Justiça e Paz se abraçam; da terra germinará a Verdade, e a

---

<sup>31</sup> GOTTWALD, Norman Karol. **As tribos de Iahweh**: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 674.

<sup>32</sup> MARCONCINI, 2001, p. 184.

<sup>33</sup> PIXLEY, 1986, p. 54-55.

<sup>34</sup> DEVILLE, 1984, p. 872.

<sup>35</sup> KONINGS, 1977, p. 24-25.

justiça se inclinará do céu”.<sup>36</sup> A esperança do povo no advento do Reino de Deus fica mais clara com os textos proféticos.

### 1.2.1 Os Profetas

Os profetas se colocam sempre fiéis à Palavra de Deus ao dirigirem sua profecia aos reis de Israel. São os profetas que proclamam as bênçãos e os projetos de Deus, mas também são eles que criticam e denunciam as infidelidades dos reis.<sup>37</sup> Quando a fidelidade é substituída pela infidelidade e desobediência, a atenção volta-se para alguém que há de vir, um rei ideal que trará a paz, o direito e a justiça.<sup>38</sup> O profeta Natan transmite a Palavra de Deus a Davi no momento da construção do Templo (2Sm 7), e adverte Davi quando este comete adultério com Betsabeia (2Sm 12).<sup>39</sup> É o profeta Natan que profere a Davi a promessa do Senhor: “A tua casa e a tua realza subsistirão para sempre diante de ti, e o teu trono se estabelecerá para sempre.”<sup>40</sup>

Com o passar do tempo há o desvio da Aliança, quer pelo rei, como pelos sacerdotes, e por isso o profeta Isaías denuncia o culto rico e piedoso, que é praticado com fidelidade e zelo, mas não reflete na vivência do povo simples, pois estes que praticam o culto são indiferentes às dificuldades dos que são explorados. A grande cidade santa, Jerusalém, havia se corrompido e se tornado um lugar de crimes contra os trabalhadores e os mais vulneráveis.<sup>41</sup> “Como se transformou em prostituta, a cidade fiel? Sião, onde prevalecia o direito, onde habitava a justiça, mas agora, povoada de assassinos.”<sup>42</sup>

Na profecia de Miquéias, encontra-se o oráculo onde está escrito que da menor das aldeias de Judá, sairá para Deus, aquele que vai ser o chefe de Israel. De Belém nascerá o pastor que governará com o poder do Senhor, este virá do lugar de origem da dinastia de Davi.<sup>43</sup> Os textos proféticos, então, passam a apontar para o Messias, como aquele que virá com a missão de instaurar o Reino de Deus.

---

<sup>36</sup> Sl 85,11-12.

<sup>37</sup> SICRE, José Luís. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 226.

<sup>38</sup> MARCONCINI, 2001, p. 184.

<sup>39</sup> SICRE, 1994. p. 226.

<sup>40</sup> 2Sm 7,16.

<sup>41</sup> PIXLEY, 1986, p. 62.

<sup>42</sup> Is 1,21.

<sup>43</sup> Mq 5,1-3.

### 1.3 A PROMESSA MESSIÂNICA

É na pequena Belém, a cidade de Davi, a mais humilde entre as cidades, que nascerá o chefe pastor. Esse chefe anunciado terá sua existência em função de Deus e do povo como chefe de Israel. Esse, sendo chefe e pastor, governará com o poder e o auxílio de Deus. De acordo com a tradição monárquica, esse trará toda a sorte de bênção e aproximará intimamente seu povo do Senhor.<sup>44</sup>

“Isaías anuncia a ruína das instituições nacionais, remete para os últimos tempos a realização das promessas de Deus, e evoca a figura do rei ideal nascido da linhagem de Davi.”<sup>45</sup> Este novo rei encarna as virtudes de Davi e Salomão, restituindo a justiça e o direito.<sup>46</sup>

Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-para-sempre, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre seu reino [...].<sup>47</sup>

O profeta Jeremias deixa claro que a função principal dos reis é a prática da justiça.<sup>48</sup> Se os reis não praticarem a justiça, terão então que enfrentar o castigo: “Juro por mim mesmo que esta casa se tornará uma ruína.”<sup>49</sup> A única garantia que a monarquia davídica tem de continuar a existir se baseia no que diz o profeta: “Praticai o direito e a justiça; arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis estrangeiro, órfão ou viúva, não os violenteis e não derrameis sangue inocente neste lugar.”<sup>50</sup>

---

<sup>44</sup> SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel**: o profeta, os profetas, a mensagem. Trad. João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 479-481.

<sup>45</sup> RIBEIRO, Ari Luís do Vale. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**: revista do Programa de Estudos em Teologia da PUC/SP, v. 17, n. 66, p. 27-54, jan/mar 2009. p. 31. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15490/11569>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

<sup>46</sup> SICRE, 1996, p. 461.

<sup>47</sup> Is 9,5-6.

<sup>48</sup> SICRE, 1996, p. 466.

<sup>49</sup> Jr 22,5.

<sup>50</sup> Jr 22,3.

Conquanto, quando Israel é levado para o exílio, desaparece a figura do rei entre seu povo. A dinastia davídica desaparece na Babilônia; Joaquin<sup>51</sup>, mesmo sendo libertado, nunca regressou a Judá. O povo caminhava como ovelhas sem pastor. É neste período que é recordada a antiga promessa e anunciado o seu cumprimento. Num primeiro momento, os profetas anunciam um descendente de Davi com as qualidades necessárias para reinar em Israel. Mais tarde, estes textos são interpretados em vista do Messias<sup>52</sup> que restaurará o Reino de Deus plenamente.<sup>53</sup>

O profeta Isaías profetiza a respeito do rebento que brotará da raiz de Jessé. Esse rebento julgará com justiça, pois o espírito do Senhor pousará sobre ele. Ele será sábio, prudente e cheio de conhecimento e respeito ao Senhor.<sup>54</sup> O rebento do qual fala o profeta Isaías é o Messias que, inspirado pelo Espírito do Senhor, julga além da capacidade humana, penetra nos corações. As armas do Messias são a fidelidade e a justiça, elas são sua espada no reinado. Esse rei messiânico provoca nos homens e na criação uma conversão moral e a volta à inocência.<sup>55</sup>

A decadência dos reis terrenos em Israel gera um movimento chamado messianismo real. Da descendência de Davi nasceria um novo rei justo segundo os desígnios do Senhor para governar Israel. Como se pode ver na profecia de Jeremias:

Eis que dias virão – oráculo de Iahweh – em que suscitarei a Davi um germe justo; um rei reinará e agirá com inteligência e exercerá na terra o direito e justiça. Em seus dias, Judá será salvo e Israel habitará em segurança. Este é o nome com que o chamarão: “Iahweh, nossa justiça.”<sup>56</sup>

---

<sup>51</sup> 19º rei de Judá, deportado para a Babilônia.

<sup>52</sup> A palavra Messias significa Ungido, e no Antigo testamento foi aplicada ao rei de Israel e ao sacerdote. Essa designação manifesta a esperança milenar do povo judaico, centrada na espera do Messias, filho de Davi. No tempo apostólico Jesus é identificado com o Cristo, transcrição para o grego do termo Messias. (BONNARD, Pierre Émile; GRELOT, Pierre. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 578-583. p. cit. 578-579.)

<sup>53</sup> SICRE, 1996, p. 471.

<sup>54</sup> Is 11,1-9,

<sup>55</sup> SICRE, 1996, p. 475-476.

<sup>56</sup> Jr 23,5-6.

O rei prometido por Jeremias é um rei justo e piedoso, no qual será reunido o povo disperso, assim, reunificados sob sua proteção, estarão a salvo. A profecia é centrada na atividade deste rei que virá e no bem-estar que ele trará para o país. Diante da dominação babilônica o profeta anuncia o dia em que o seu povo não servirá mais aos estrangeiros. Contudo, servirá ao Senhor seu Deus, e ao rei que Ele suscitará para eles.<sup>57</sup>

Neste dia – oráculo de Iahweh dos Exércitos – quebrarei o jugo que pesa sobre teu pescoço e romperei tuas cadeias. Então os estrangeiros não mais dominarão, mas Israel e Judá servirão a Iahweh, seu Deus, e a Davi, o rei que suscitarei para eles.<sup>58</sup>

Quando os profetas anunciavam o plano de Deus, dirigem sua profecia para sua realidade contemporânea. Nada impede que suas profecias sejam interpretadas posteriormente, num sentido futuro, sendo compreendidas como um anúncio do Messias futuro. Este rei aguardado vem restaurar o Reino não só politicamente, mas também visando a regeneração do povo, em vista da justiça e da paz.<sup>59</sup>

Esse tema do messianismo real também é tratado por outros profetas como Ezequiel, Ageu e Daniel. É Ezequiel que recorre à imagem do pastor para falar do messias enviado, para pastorear as ovelhas do Senhor. “Suscitarei para eles um pastor que apascentará, a saber, o meu servo Davi: ele os apascentará, ele lhes servirá de pastor. E eu, Iahweh, serei o seu Deus e meu servo Davi príncipe entre eles.”<sup>60</sup> Deste modo, cresce a espera por um rei poderoso, ungido, enviado por Deus para restituir, no pós-exílio a dignidade e realeza de Israel.<sup>61</sup>

Outrossim, os profetas Ageu e Zacarias identificam as crises nos reinos vizinhos como sinal do cumprimento das promessas do Senhor e do início da restauração do Reino de Deus. O declínio da Babilônia é marcado por conflitos internos e pelo iminente perigo do domínio persa. Ciro, rei da Pérsia, após dominar o império babilônico, muda a política

---

<sup>57</sup> SICRE, 1996, p. 477.

<sup>58</sup> Jr 30,8-9.

<sup>59</sup> RIBEIRO, 2009, p. 31-32.

<sup>60</sup> Ez 34,23-24.

<sup>61</sup> MARCONCINI, 2001, p. 185.

em relação aos povos dominados. Os exilados podem retornar a sua terra e reconstruir o Templo em Jerusalém.<sup>62</sup>

Os que estavam no exílio eram a pequena comunidade, o verdadeiro Israel, o povo fiel, que participaria da restauração. Esses judeus fervorosos formam um grupo de voluntários, que, voltando a Jerusalém, tentam reorganizar a comunidade judaica e sua orientação espiritual.<sup>63</sup> No texto de Zacarias encontra-se o anúncio de um rei vitorioso e humilde que se aproxima:

Exulta muito, filha de Sião! Grita de alegria, filha de Jerusalém! Eis que o teu rei vem a ti: ele é justo e vitorioso, humilde, montado sobre um jumento, sobre um jumentinho, filho da jumenta.<sup>64</sup>

Esse rei humilde terá um domínio maior que o de Davi e seu poder se estenderá até os confins da terra. Acabará com as armas e estabelecerá a paz no mundo. Humilde, servirá a Deus e receberá tudo de Deus. Esse rei messiânico é maior que os reis históricos, mas vem montado em um jumento, montaria dos antigos príncipes. Esse texto conduz ao autêntico messianismo, a esperança de um salvador definitivo dos últimos tempos.<sup>65</sup>

O profeta Daniel, que tem forte cunho apocalíptico, profetiza sobre a figura do rei Messias. Ao Filho do Homem é dado o poder, a honra e o reino, a Ele todos os povos servirão, seu reino nunca será destruído.<sup>66</sup> Esse Filho do Homem pode representar um homem que ultrapassa a condição humana; entretanto, representa o povo dos santos do Altíssimo<sup>67</sup>, os judeus piedosos. Assim como os animais da profecia de Daniel simbolizam os impérios terrestres, o Filho do Homem representa o povo eleito, o império escatológico em oposição aos

---

<sup>62</sup> ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Zacarias**: o profeta da reconstrução. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008. p. 7-9.

<sup>63</sup> RIBEIRO, 2009, p. 32-33.

<sup>64</sup> Zc 9,9.

<sup>65</sup> SICRE, 1996, p. 491-492.

<sup>66</sup> Dn 7,13-14.

<sup>67</sup> Dn 7,22.

impérios representados pelas feras. São o povo eleito, os santos do Altíssimo que receberão o reino.<sup>68</sup>

Os dois sentidos, tratados acima, remetem ao Messias que ultrapassa os reis humanos e é o representante e modelo do povo dos santos. Aos santos do Altíssimo e ao Filho do Homem é dado o trono do Reino de Deus, que será um reino universal e eterno.<sup>69</sup>

Esse duplo endereçamento de Deus-rei e do Messias-rei encontra seu ponto de convergência em Jesus de Nazaré, ao mesmo tempo Deus e homem, iniciador e aquele que outorga o reino, o que envia e o enviado, pessoa em quem o Pai opera e o operante por sua própria força, portador de paz e justiça sendo ele próprio paz e justiça.<sup>70</sup>

O trabalho realizado neste capítulo mostra, como a temática do reino se desenvolve na história do povo de Israel, na perspectiva de que Deus reina sobre seu povo e o conduz. Este Rei está ao lado do seu povo e o ampara e protege. No reino de Deus, têm lugar de especial cuidado os injustiçados e oprimidos. Iahweh é o único e verdadeiro rei sobre Israel, mas devido às necessidades Israel institui um rei terreno. O rei terreno deve reinar a serviço de Deus, o verdadeiro Rei. Quando os reis terrenos não são fiéis aos planos de Deus, os profetas anunciam a queda do reino terreno. Profetizam a vinda de um rei verdadeiro, o Messias, que salvará o povo e restaurará o reinado de Deus. Israel espera a chegada do rei Messias que libertará o povo.

Assim reza a primitiva oração do *Qaddish* que inspira uma imediata intervenção do Deus Rei, encerrando a reunião sinagoga:

Que seu grande nome seja louvado e santificado no mundo que ele criou segundo seu bem querer. Que ele faça reinar seu reino (e germinar sua redenção. Que faça vir seu Messias e liberte seu povo) durante a vossa vida e vossos dias, durante

---

<sup>68</sup> NELIS, J. Filho do Homem. In: BORN, Adrianus. V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 582-587. p. cit. 582.

<sup>69</sup> SICRE, 1996, p. 446.

<sup>70</sup> MARCONCINI, 2001, p. 185-186.

a vida de toda a casa de Israel, logo e num tempo próximo.<sup>71</sup>

O reino de Deus, reino de justiça e de paz, é o que Jesus vem anunciar, mas de uma maneira nova, não correspondendo à expectativa política de seu tempo. Em torno do anúncio do Reino de Deus está toda a atividade de Jesus.<sup>72</sup> Após se analisar a perspectiva do Reino no Antigo Testamento, visto a soberania do Deus-rei e os textos proféticos que anunciam a vinda do Messias, quer-se adentrar na perspectiva sinótica do Reino. Especificamente, tratar-se-á da leitura mateana acerca do Reino que, posteriormente, apresentará esta temática por meio de parábolas ditas pelo próprio Messias.

---

<sup>71</sup> TASSIN, Claude. O Reino de Deus no judaísmo do século I de nossa era. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997. p. 13-22. p. cit. 15.

<sup>72</sup> KONINGS, 1977, p. 26.



## 2 O EVANGELHO DE MATEUS

O Evangelho de Mateus, escrito por volta do ano 80 da era cristã, é dirigido à comunidade de seu autor. Atribui-se como local de sua escrita a cidade de Antioquia, na Síria, capital da província romana e terceira cidade do Império. Antioquia teria sido o primeiro lugar onde os que creram em Jesus foram chamados de cristãos.<sup>73</sup>

Essa comunidade era formada em grande parte por Judeus e com uma minoria de pagãos, ou seja, era um grupo misto judaico-cristão e pagão. Era, de modo geral, uma comunidade mais aberta na interpretação bíblica, na aplicação da Lei e no relacionamento com os pagãos convertidos.<sup>74</sup>

Para melhor compreender a mensagem do Evangelho de Mateus, é necessário conhecer mais profundamente essa comunidade. Para isso, quer-se compreender o pano de fundo cultural e religioso em que vivia a comunidade mateana neste ambiente do cristianismo nascente.

### 2.1 ISRAEL SOB OS IMPÉRIOS

A comunidade de Mateus está inserida no ambiente dominado pelo Império Romano, mesmo distante da capital do império, nas fronteiras orientais do domínio romano. O povo de Deus já fora dominado por outros povos várias vezes na sua história, e diante das dominações tentou sobreviver e preservar sua cultura. A comunidade de Mateus convive com a pressão da ideologia imperial e diante dela mostra sua fidelidade ao projeto do Reino dos Céus inaugurado por Jesus.<sup>75</sup>

Até o tempo de Jesus, a Galileia, a Samaria e a Judéia viveram sob o domínio de vários impérios, isto durante quase seiscentos anos. Apesar do desenvolvimento de uma monarquia em Israel, presidida pelo rei ungido, o Messias Davi, a consolidação dessa monarquia imperial é comprometida por certa resistência dos israelitas. O desejo de maior liberdade leva os israelitas ao domínio estrangeiro.<sup>76</sup>

---

<sup>73</sup> At 11,26.

<sup>74</sup> MARCONCINI, 2001, p. 122-123.

<sup>75</sup> VITÓRIO, Jaldemir. **Lendo o evangelho segundo Mateus: O caminho do discipulado do Reino.** São Paulo: Paulus, 2019. p. 8.

<sup>76</sup> HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império: O Reino de Deus e a nova desordem mundial.** Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004. p. 22.

Os israelitas caem sob domínio de vários impérios, começando pelos assírios e babilônios. Já, com o regime imperial persa, houve um apoio a estrutura institucional e cultural judaica como instrumento da política imperial. O regime de Estado-Templo foi apoiado pelos persas, onde o sumo sacerdote presidia a nação dominada sob o governo imperial. Quando o domínio persa é substituído pelos impérios helênicos, cria-se uma grande crise para o povo judeu. Os gregos além de dominarem política e economicamente impõem também sua cultura e língua sobre os dominados.<sup>77</sup>

O império grego é visto com tal perversidade que no escrito apocalíptico de Daniel é identificado como a mais terrível das feras:

A seguir, ao contemplar essas visões noturnas, vi a quarta fera, terrível, espantosa, e extremamente forte: com enormes dentes de ferro, comia, triturava e calcava aos pés o que restava. Muito diferente das feras que a haviam precedido, tinha esta dez chifres.<sup>78</sup>

A vida tradicional, a língua nativa e a política haviam sido trocadas pelas formas gregas de viver. Várias foram as cidades construídas em estilo grego na região da Judéia. O momento crítico da dominação helenística se dá quando Antíoco Epífanes, imperador selêucida na região da Síria, decide tomar Jerusalém e torná-la uma cidade-Estado no estilo grego. Antíoco pilha o Templo de Jerusalém levando todos os tesouros ali guardados, e introduz no Templo o culto a Zeus. Mais tarde, proíbe a prática da religião Judaica, o que acarreta a revolta dos macabeus.<sup>79</sup>

Os macabeus, a família sacerdotal asmoneia, unidos ao povo judeu e a alguns escribas combatem o domínio do império selêucida numa revolta armada a fim de restaurar o culto e as tradições judaicas na região da Palestina. Com a vitória dos macabeus derruba-se o culto de Zeus e restabelece-se o culto tradicional judaico. A partir da reestruturação da vida religiosa dos judeus, nasce uma nova conjuntura política-social na Palestina, visando a deselenização da região.<sup>80</sup>

---

<sup>77</sup> HORSLEY, 2004, p. 22.

<sup>78</sup> Dn 7,7.

<sup>79</sup> HORSLEY, 2004, p. 23.

<sup>80</sup> SILVA, José Roberto Limas da. História da Palestina do primeiro século: possíveis contextualizações e aprendizados. **Núcleo do Conhecimento**: revista

### 2.1.1 A dominação romana

Após as dominações helenísticas, dá-se início a intervenção romana no Oriente Médio. Esta ocorre no mesmo período da revolta dos macabeus, contribuindo assim para a vitória das forças judaicas. Os romanos contribuem para o declínio dos impérios helenísticos no Egito, na Síria e na Mesopotâmia. O confronto entre o exército de Antíoco e os romanos contribui para a vitória dos macabeus na Judéia. A família dos macabeus passa a governar a Judéia, e mais tarde estende seu domínio sobre a Palestina com o apoio, e sob a proteção, do Império Romano.<sup>81</sup>

A revolta dos Macabeus no século II a.C. levava ao estabelecimento de um reino semi-autônomo em Jerusalém, com uma dinastia que combinava funções régias e as sacerdotais com o apoio temível, mas necessário dos reis Selêucidas.<sup>82</sup>

Diante dos conflitos internos que se geraram na Palestina sob o governo dos judeus, Roma, que acompanhava de perto a realidade política, resolve intervir. No ano 63 a.C., Jerusalém é tomada pelos romanos e a Judéia se torna um estado vassalo de Roma. A Judeia é anexada à Síria e é governada com a fraca autoridade de Hircano II, sumo sacerdote rival dos asmoneus<sup>83</sup>. Mais tarde, Roma coloca reis vassalos que governam as principais regiões, sob o poder do Império Romano, como se verá com a dinastia dos Herodes.<sup>84</sup>

Tendo conquistado o Oriente Médio, a Síria e a Palestina, Roma passa a controlar o Mediterrâneo como uma superpotência, o único grande império a dominar a região. A dominação por parte do Império

---

Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 5, v. 21, n.11, p. 66-76, nov. 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/historia-da-palestina>. Acesso em: 04 maio 2021.

<sup>81</sup> HORSLEY, 2004, p. 24.

<sup>82</sup> PIXLEY, 1986, p. 83.

<sup>83</sup> Nome usado por Flávio Josefo indicando a família e a dinastia dos Macabeus. (BORN, Adrianus V. D. Hasmoneus. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 667.).

<sup>84</sup> SILVA, 2020, não paginado.

Romano se organiza através de uma exploração sistemática dos povos e de uma pacificação, a instauração da desejada *Pax romana*.<sup>85</sup>

A Palestina e a região oriental em geral são vistas como um lugar preocupante devido sua tendência à revoltas. Para garantir a segurança o Império vê a necessidade de organizá-la militar e administrativamente e, assim, fortalece sua economia e suas defesas e garante o comércio e o trânsito seguro pela região. Quando o evangelho de Mateus é escrito, o Império já está bem estabelecido no território palestino.<sup>86</sup>

O Reino de Deus comporta valores contrários aos pregados pelo Império, logo o evangelista orienta sua comunidade sobre qual a maneira de lidar como o domínio romano. Temas como o pagamento de impostos e a discriminação e o tratamento das pessoas envolvidas com os romanos vem à tona nos textos de Mateus.<sup>87</sup>

### 2.1.2 Conflito judeu-romano

Revoltas e rebeliões eram comuns nas regiões da Galileia e da Judeia e no período próximo ao ministério de Jesus não foi diferente. Esses movimentos de resistência tinham como alvo o Império Romano e seus governantes.<sup>88</sup>

As revoltas eram motivadas pela não aceitação daqueles que governavam em nome de Roma, fossem eles os reis herodianos ou os sumos sacerdotes de Jerusalém. Em 40 a.C., quando Herodes é designado rei dos judeus pelo senado romano, judeus e galileus organizam guerras contra ele. No fim do governo de Herodes, por volta de 4 a.C., muitas são as revoltas e conflitos que se estendem pelo território da Palestina. Tanto na cidade de Jerusalém quanto nas regiões rurais e montanhosas os revoltosos se voltavam contra as forças romanas e herodianas.<sup>89</sup>

Durante o governo de Herodes, havia uma situação de calma social. No momento em que a Judeia passa a ser governada por um procurador romano, novamente as agitações na Palestina tomam corpo.<sup>90</sup>

---

<sup>85</sup> HORSLEY, 2004, p. 26, grifo do autor.

<sup>86</sup> VITÓRIO, 2019, p. 8.

<sup>87</sup> VITÓRIO, 2019, p. 9.

<sup>88</sup> HORSLEY, 2004, p. 41.

<sup>89</sup> HORSLEY, 2004, p. 42.

<sup>90</sup> PIXLEY, 1986, p. 84.

Dez anos depois da morte de Herodes, no ano 6 d.C., a Judéia foi transformada em província romana, com seu próprio procônsul que residia em Cesaréia. Enquanto isso, a Galiléia permanecia semi-autônoma como tetrarquia, governada por um filho de Herodes (Herodes Antipas). Era uma situação extremamente instável.<sup>91</sup>

Dos anos de 66 a 70 d.C., as tensões entre judeus e romanos aumentam, acarretando a guerra judaica, uma revolta generalizada que se estendeu na Palestina, na grande Jerusalém e em toda a zona rural. Nessa guerra, os romanos confrontados pelos zelotes a partir da Galileia, destroem Jerusalém e seu templo.<sup>92</sup>

Tendo expulsado os romanos, o país fica temporariamente livre do poder imperial. A população resiste à reconquista romana em diversos pontos da Galileia. Após o ano 67, movimentos camponeses de várias regiões começam a reunir-se em Jerusalém. Juntos na cidade-fortaleza, onde poderiam melhor resistir aos ataques romanos, atacam os herodianos e a aristocracia sacerdotal que ainda não havia deixado a cidade. Apesar da união dos grupos de resistência para defender a cidade, os romanos acabam por vencer e destroem o templo.<sup>93</sup>

Muitos grupos judaicos foram afetados na guerra judaica: os saduceus e os essênios deixaram de existir e o grupo dos zelotes enfraquecido. A comunidade cristã da Palestina consegue escapar do conflito, pois quando os romanos se aproximam de Jerusalém os cristãos deixam a cidade. Após a derrota e a destruição do esquema religioso de Jerusalém, os judeus remanescentes se reúnem para promover a reconstrução do judaísmo na tentativa de unir os grupos ligados à religião de Israel.<sup>94</sup>

Mesmo com a destruição do Templo de Jerusalém na guerra judaica de 70, houve ainda muita resistência a dominação do Império Romano no território palestino. Pelo ano 135 a resistência política de Israel a domínio romano culmina em outra rebelião no interior da Judeia sob a liderança de Bar Kokba. Nas comunidades é reavivado o desejo de

---

<sup>91</sup> PIXLEY, 1986, p. 82.

<sup>92</sup> VITÓRIO, 2019, p. 9.

<sup>93</sup> HORSLEY, 2004, p. 42-43.

<sup>94</sup> VITÓRIO, 2019, p. 9.

reforma e o anseio pela realização das promessas da soberania de Deus sobre a terra.<sup>95</sup>

[...] antes mesmo que a derrota de Bar Kokba (em 135) ponha fim à esperança da nova Jerusalém, inscrita nos dois apocalipses, estes já proclamam que a reunião dos dispersos e a libertação de Israel virão de Deus como fruto do retorno de todos a uma vida fiel à Torá.<sup>96</sup>

A partir desta visão conflitiva da política na região da Palestina, pode-se adentrar no ambiente judaico propriamente dito, nas organizações da sociedade como tal.

## 2.2 O AMBIENTE JUDAICO

O judaísmo no primeiro século foi marcado pela variedade de grupos e correntes presentes em seu interior. Cada grupo tinha suas doutrinas e práticas bem definidas, mas que divergiam entre si em alguns aspectos. As diferenças se acentuavam nas posturas tomadas diante de quatro pontos: o templo, o sacerdócio, a interpretação da Lei e a presença do poder romano.<sup>97</sup>

Os grupos principais que formavam o judaísmo do primeiro século eram: os saduceus, os fariseus, os escribas, os essênios, os zelotes e as comunidades cristãs.

Os saduceus eram compreendidos como um partido político no judaísmo do século II a.C. até a queda de Jerusalém no ano 70 da era cristã. Os adeptos desse partido são em sua maioria de famílias sacerdotais.<sup>98</sup> Descendentes de Sadoc, sumo sacerdote do templo de Salomão, faziam parte da aristocracia de Jerusalém. Viviam em função do Templo e quanto à Lei mosaica eram fundamentalistas. Estes eram a

---

<sup>95</sup> SALDARINI, Anthony J. **A comunidade judaico-cristã de Mateus**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 28.

<sup>96</sup> TASSIN, 1997, p. 21.

<sup>97</sup> VITÓRIO, 2019, p. 6.

<sup>98</sup> DE FRAINE, J. Saduceus. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 1363-1364. p. cit. 1963.

favor da dominação romana, com a qual alimentavam seus status sociais e religiosos.<sup>99</sup>

O partido dos fariseus é chamado assim por seus adversários devido a sua rigorosa interpretação da Lei que os obriga a se separarem da grande massa do povo, considerada impura.<sup>100</sup> Diferente do grupo dos saduceus, são um movimento leigo caracterizado pela observância da Lei. Fazem resistência à dominação romana e gozam de grande prestígio do povo, principalmente na classe média urbana, servindo como líderes religiosos.<sup>101</sup>

Os escribas também, conhecidos como doutores da Lei, gozavam de prestígio pela sua dedicação ao estudo da Lei. Seu serviço está ligado à sinagoga, lugar do estudo da Lei. Tornam-se os guardiões da Lei, ao lado dos sacerdotes que exercem as funções culturais no templo.<sup>102</sup> Estes com o tempo passam a participar do sínédrio, e são criticados por Jesus devido a sua conduta hipócrita.<sup>103</sup>

Os essênios viviam separados nas proximidades do mar Morto. Contrários à corrupção do sacerdócio de Jerusalém, são um grupo de ascetas. Interpretavam as escrituras de uma maneira peculiar e aguardavam a vinda do Messias. Já os zelotes eram um grupo de judeus zelosos, que em contraposição à dominação romana usavam de armas e violência na intenção de libertar o país da dominação.<sup>104</sup> Eles recusavam-se a pagar os tributos aos romanos, pois ao contribuírem estariam reconhecendo um governante humano ao lado de Deus. A partir deste pensamento, se Deus devesse ser rei, não poderia haver rei humano, nem mesmo um rei judeu.<sup>105</sup>

A comunidade cristã vivia em meio a essas tendências judaicas, mas procurava viver os ensinamentos do Mestre de Nazaré. Apesar de sua atitude de não hostilidade, a comunidade cristã sofria a perseguição e rejeição dos demais grupos. Neste começo de comunidade cristã, os

---

<sup>99</sup> VITÓRIO, 2019, p. 6.

<sup>100</sup> DE FRAINE, J. Fariseus. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 557-558. p. cit. 557.

<sup>101</sup> VITÓRIO, 2019, p. 6-7.

<sup>102</sup> VITÓRIO, 2019, p. 7.

<sup>103</sup> BORN, Adrianus V. D. Escriba. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 472.

<sup>104</sup> VITÓRIO, 2019, p. 7.

<sup>105</sup> PIXLEY, 1986, p. 84.

cristãos frequentavam o Templo, mas entendiam que isto não era necessário para a vida de fé. A comunidade cristã é marcada por uma esperança escatológica como a comunidade dos essênios, mas não se isola ou despreza os outros como faziam estes.<sup>106</sup>

A comunidade de Mateus tem como problema principal o seu relacionamento com o judaísmo. O cristianismo nascente não se entende como um grupo totalmente separado do judaísmo, mas como um seguimento dentro da religião judaica, como mais um entre os diversos grupos e correntes existentes. No entanto, o crescimento do cristianismo e suas características marcantes o levaram ao distanciamento e a separação. A abertura da Igreja aos gentios, a interpretação das tradições judaicas em vista do pleno cumprimento em Cristo e a observância da Lei foram alguns dos fatores que contribuíram para o contraste entre cristãos e judeus.<sup>107</sup>

No evangelho de Mateus, nota-se uma tensão entre o grupo de Jesus e alguns membros da comunidade sinagoga. Isso reflete as experiências de um conflito entre a comunidade de Mateus com a comunidade judaica de Antioquia. O grupo mateano é visto como uma comunidade marginal pelo grupo judeu.<sup>108</sup> Especialmente, a crença cristã de ser Jesus Cristo o Messias anunciado pelos profetas criava uma cisão ainda maior.

### 2.3 ESPERANÇA MESSIÂNICA

Entende-se que o povo judeu enfrentou muitas adversidades ao longo da história, sob várias dominações políticas. Mesmo diante disso, a esperança no Reino de Deus, sempre acompanhou a caminhada deste povo. Os conflitos com as nações vizinhas e a perda da independência política levaram Israel a avivar a esperança de rei monarca. A partir da ocupação romana, entende-se que em Israel o único rei digno de ser chamado de rei é o próprio Senhor. Nem Herodes e seus descendentes, nem os chefes religiosos se provaram à altura do título de rei de Israel.<sup>109</sup>

---

<sup>106</sup> VITÓRIO, 2019, p.8.

<sup>107</sup> MARCONCINI, 2001, p. 124-125.

<sup>108</sup> CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002. p. 58-59.

<sup>109</sup> TASSIN, 1997, p. 13.

[...] o fato do grupo de Jesus pregar a vinda do reino de Deus pouco servia para distingui-lo de vários outros grupos existentes na Palestina do século I. Era uma época de turbulência, e a pregação profética de um reino de justiça e paz ardia na imaginação dos judeus.<sup>110</sup>

Nota-se em comum aos grupos religiosos judaicos o anseio pela plena soberania de Deus. Esta plena soberania se daria através de sua vitória sobre os ímpios e sobre os opressores, de sua vitória sobre a morte pela ressurreição ou pela transformação do cosmos. Dentre os grupos religiosos da Palestina, a comunidade cristã nascente se apresenta como o mais messiânico dos grupos judeus.<sup>111</sup>

Os essênios, os fariseus e os zelotes esperavam a eclosão iminente do reino de Deus, enquanto somente o grupo dos saduceus se mostrava frio diante da vinda do reino devido aos seus interesses em torno dos rituais do templo.<sup>112</sup> Além disso, afirmar a ideia de que todos os judeus professavam a crença em um Messias nacionalista, político e escatológico pode ser equívoca. Nem todos acreditavam em uma vida após a morte ou em um fim apocalíptico; alguns esperavam a figura do messias, outros não. Entre aqueles que aguardavam o Messias, ele podia variar bastante no seu papel ou relação com Deus. Em Qumran, aguardam-se dois messias, um sacerdotal e um messias davídico. Os samaritanos esperavam um profeta como Moisés, já outros um novo sacerdote. No Livro de Daniel, o Messias aparece na figura do Filho do Homem. Já nos discursos de Henoc, o Messias aguardado é identificado com a figura do Escolhido que será o juiz no fim do mundo.<sup>113</sup>

O complexo grupo de esperanças judaicas convida a suavizar as oposições de um messianismo judaico, político e nacionalista que se oporia a uma cristologia universalista.<sup>114</sup> O Messias, como já afirmado no primeiro capítulo, é compreensível, também, a partir da figura do rei. O Reino de Deus, ansiado desde o Antigo Testamento, é prometido e concretizado no e pelo Messias. A partir desta concepção, avança-se para o termo Reino quando tratado pelo evangelista Mateus, especificamente, como Reino dos Céus.

---

<sup>110</sup> PIXLEY, 1986, p. 86-87.

<sup>111</sup> TASSIN, 1997, p. 22.

<sup>112</sup> PIXLEY, 1986, p. 87.

<sup>113</sup> SALDARINI, 2000, p. 275-276.

<sup>114</sup> TASSIN, 1997, p. 22.

## 2.4 O REINO EM MATEUS

O evangelho de Mateus contém os principais elementos que revelam a identidade de Jesus como Messias. Assim, os leitores ou ouvintes podem avaliar a decisão de acolher ou não Jesus como Messias e Mestre, bem como aceitar o compromisso de levar adiante a missão de servir e construir o Reino dos Céus.<sup>115</sup>

No esforço de apresentar a identidade de Jesus, o início da obra de Mateus e a genealogia atribuem a Jesus dois títulos: o de filho de Davi e o de Cristo. O evangelista relaciona Jesus aos depositários das promessas messiânicas, sendo Ele então descendente de Davi. Quando Mateus identifica Jesus como Cristo, afirma o ligando à ideia de que o rei Davi era o rei divinamente escolhido e o ungido por excelência.<sup>116</sup>

A condição de *filho* de Davi insere-o na estirpe dos reis de Israel, herdeira das promessas messiânicas (cf. 2Sm 7,1-17), e aponta para a tarefa de fazer o direito e a justiça reinarem como se espera de um verdadeiro descendente de Davi (cf. Is 9,5-6; 11,1-8).<sup>117</sup>

A realeza de Jesus é apresentada, por Mateus, como uma realidade futura. Quando o evangelista escreve sobre o reino do Filho do Homem ele confere ao Reino uma dimensão escatológica. Apesar da dimensão escatológica do Reino, este vai se concretizando, tomando consistência desde o início da vida de Jesus. Antes mesmo de Jesus iniciar sua pregação o reinado sobre o mundo já é proclamado, tanto na genealogia<sup>118</sup> como na visita dos magos<sup>119</sup> que procuram pelo rei dos judeus recém-nascido.<sup>120</sup>

O anúncio do Reino situa-se dentro da pregação de Jesus, mas essa missão não se restringe somente a Ele. Mateus insere o anúncio do Reino também na boca de João Batista: “Arrependei-vos, porque o

---

<sup>115</sup> VITÓRIO, 2019, p. 39.

<sup>116</sup> SALDARINI, 2000, p. 276-277.

<sup>117</sup> VITÓRIO, 2019, p. 40, grifo do autor.

<sup>118</sup> Mt 1,1.

<sup>119</sup> Mt 2,2.

<sup>120</sup> QUESNEL, Michel. O Reino de Deus em Mateus. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997. p. 44-57. p. cit. 44.

Reino dos Céus está próximo”.<sup>121</sup> Mateus prefere usar o termo Reino dos Céus, pela preocupação judaica de substituir o Nome divino, em razão do respeito a ele devido. A pregação do Reino se estende anteriormente e posteriormente a Jesus pela boca de João Batista, depois pelos Doze e mais tarde pelos discípulos que têm a missão de anunciar o Reino.<sup>122</sup>

A catequese de Mateus gira em torno do Reino de Deus, tema de fundo de seu escrito. No Evangelho de Mateus, pode se dizer que o Reino de Deus significa:

[...] o senhorio de Deus sobre a história, movendo os seres humanos para a fraternidade, a misericórdia, o perdão e a reconciliação, com o banimento de toda sorte de injustiça e de aviltamento da dignidade dos seres humanos, a serem tratados como irmãos e irmãs.<sup>123</sup>

Jesus instaura o Reino de Deus, fundado na justiça, traz liberdade e vida para todos, principalmente para aqueles que sofrem injustiças. Aqueles que desejam a justiça do Reino de Deus, ao ouvirem a palavra de Jesus e verem suas obras passam, a segui-lo na esperança de uma vida plena.<sup>124</sup>

Este Reino iniciado na história caminha para a sua plenificação no dia em que todos os homens serão julgados pelo Rei Juiz, que julgará conforme a prática do amor ao próximo.<sup>125</sup> Aos que serviram aos irmãos o Senhor dirá: “Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo”.<sup>126</sup>

No centro da catequese de Mateus está o terceiro discurso que oferece a chave para a compreensão dos mistérios do Reino. O evangelista escreve através de parábolas o modo como o senhorio de Deus se manifesta na história em meio a perdas e fracassos, tendo como horizonte um final glorioso.<sup>127</sup>

---

<sup>121</sup> Mt 3,2.

<sup>122</sup> QUESNEL, 1997, p. 45.

<sup>123</sup> VITÓRIO, 2019, p. 17.

<sup>124</sup> STORNIOLO, Ivo. **Como ler o evangelho de Mateus: o caminho da justiça**. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 93.

<sup>125</sup> VITÓRIO, 2019, p. 17.

<sup>126</sup> Mt 25,34.

<sup>127</sup> VITÓRIO, 2019, p. 18.

Desta forma, a temática do Reino só é compreensível, em Mateus, quando se trata também das parábolas apresentadas pelo próprio Messias. Jesus é o pastor que apascenta as ovelhas do Senhor, que mostrando atenção pelo seu povo, fala em parábolas. Aquele que é o Rei, é também quem anuncia o Reino e, para que esta realidade seja mais compreensível aos homens, apresenta-a por meio das parábolas.

### 3 O REINO NAS PARÁBOLAS

Jesus em seu ministério, em sua pregação, fala muitas vezes em parábolas recorrendo a ditos populares e a provérbios. As parábolas representam o ponto mais alto da linguagem de Jesus e é através das parábolas que o Mestre desperta o interesse nas pessoas, pois estas estão ligadas à vida cotidiana dos ouvintes. A parábola prepara o coração daqueles que estão dispostos a aceitarem o Reino e torna o mistério obscuro aos duros de coração, que não desejam acolher o Reino.<sup>128</sup>

Diante da necessidade de falar, com uma mentalidade concreta, sobre uma realidade transcendente, faz-se uso da comparação através das parábolas. Desde o início da história de Israel já se manifestou essa necessidade de falar do Deus transcendente, evocando-o a partir de realidades terrestres.<sup>129</sup> Exemplo disto são os relatos do Antigo Testamento, especialmente, quando trata da figura de Deus, partindo de concepções que incidem diretamente no campo político-social, como: justiça, direito e paz.

O termo parábola provém da palavra grega *parabolé*, que traz em si, de modo geral, a ideia de comparação. Faz-se necessário entender a parábola como uma apresentação de símbolos ou imagens da realidade terrena para que estas sejam sinais das realidades reveladas por Deus. Em sua grande maioria, as parábolas necessitam de uma explicação que possa aprofundá-las.<sup>130</sup>

O conceito de parábola no Novo Testamento depende das formas de pensamento do Antigo Testamento. Na compreensão veterotestamentária, o *mašal* é um gênero tradicional, um elemento típico da literatura sapiencial, que utiliza comparações e símbolos para passar uma mensagem significativa. O *mašal* tanto pode significar uma frase proverbial ou uma comparação mais elaborada. Na maioria das vezes em que Jesus usa do gênero *mašal* em sua pregação, a tradução grega se vale do termo *parabolé*.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> MARCONCINI, 2001, p. 205-206.

<sup>129</sup> SESBOÛÉ, Daniel. Parábola. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 711-714. p. cit. 712.

<sup>130</sup> SESBOÛÉ, 1984, p. 711.

<sup>131</sup> MIRANDA, Osmundo Afonso. **Introdução ao estudo das parábolas**. São Paulo: ASTE, 1984. p. 35.

O vocábulo significa uma *realidade posta ao lado*, literalmente *atirada junto* (do verbo *parabállo*): é uma comparação que se prolonga, uma narrativa que compara duas realidades, uma delas conhecida e diretamente entendida na narrativa; a outra a ser descoberta no final, de tal modo, porém, que se chegue a entender a ambas como uma unidade. A verdade entendida por meio da narrativa, portanto, não é uma verdade fechada em si mesma, mas encontra seu pleno significado naquilo que se descobre *além* dela.<sup>132</sup>

Nos evangelhos sinóticos, o uso do gênero literário da parábola é amplamente atestado, constituindo um terço da matéria dos três evangelhos.<sup>133</sup> João, diferente dos sinóticos, atribui a Jesus o modo de falar em figuras, que tem o mesmo sentido de parábola, por exemplo: “Disse-vos essas coisas por figuras”.<sup>134</sup> As parábolas de Jesus, nos sinóticos, têm ao mesmo tempo um caráter concreto, enigmático e velador.<sup>135</sup>

Mateus, em seu evangelho, compara o Reino de Deus a figuras do dia a dia, tiradas do cotidiano agrícola e da realidade litorânea dos ouvintes. Essas realidades que o evangelista utiliza levam a audiência a reconsiderar ou refletir sobre algum aspecto da vida à luz do Reino de Deus.<sup>136</sup> Esta forma de ensinar, de transmitir uma realidade transcendente de forma acessível, por meio de comparações com a realidade terrena, evoca a figura do Mestre, aquele que anuncia e apresenta o Reino.

A parábola é uma metáfora ou comparação tirada da natureza da vida comum, prendendo o ouvinte por sua vivacidade ou estranheza, e deixando a mente em dúvida suficiente sobre sua aplicação precisa para provocá-la até o pensamento ativo.<sup>137</sup>

---

<sup>132</sup> MARCONCINI, 2001, p. 221, grifo do autor.

<sup>133</sup> MARCONCINI, 2001, p. 203.

<sup>134</sup> Jo 16,25.

<sup>135</sup> BORN, Adrianus V. D. Parábola. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 1112-1115. p. cit. 1112.

<sup>136</sup> CARTER, 2002, p. 361.

<sup>137</sup> CARTER, 2002, p. 361.

As parábolas aparecem como um instrumento que provoca o ouvinte a se abrir a fé; quanto mais ele se abre à Boa Nova, mais profundamente ele compreende as parábolas. Aos que fecham o seu entendimento e recusam a mensagem de Jesus, mais difícil se faz o acesso ao mistério no interior da parábola.<sup>138</sup>

É reservado aos discípulos um maior entendimento das parábolas devido ao compromisso que eles têm para com o Mestre. Somente através da palavra de Jesus e de sua ação se é capaz de compreender o projeto de Deus.<sup>139</sup> Mateus comenta sobre a falta de entendimento do povo diante das parábolas,<sup>140</sup> as multidões apenas ouvem o que Jesus ensina. Os discípulos, por sua vez, se comprometem com o ensinamento de Jesus. A alguns foi dado o conhecimento dos mistérios do reino, pois estes estão abertos a ouvir o Senhor, estes fazem parte do novo povo de Deus.<sup>141</sup>

Na interpretação das parábolas é importante observar que muitas vezes a ação é mais significativa do que o personagem que a executa. A maior parte das parábolas do Evangelho coloca em cena personagens e considera o comportamento deles na cena apresentada.<sup>142</sup>

Quando Jesus fala do Reino de Deus através das parábolas, ele não quer apresentar uma realidade acabada a qual os ouvintes são convidados a admirar. Voltando o foco das parábolas para as ações que acontecem nela, o evangelista, revela o caráter dinâmico do Reino, uma realidade em marcha, em construção. É sempre um crescimento, um processo em execução, em que todos são convidados a colaborar.<sup>143</sup>

Os que respondem ao desafio do reino têm de fazer opções com relação ao reino, com relação a Deus, e com relação ao próximo. As parábolas não são histórias para entretenimento, mas um desafio de escolha, à decisão, a uma ação específica, relacionada com o reino de Deus.<sup>144</sup>

---

<sup>138</sup> SESBOUÉ, 1984, p. 713.

<sup>139</sup> STORNIOLO, 2011, p. 94.

<sup>140</sup> Mt 13,14-15.

<sup>141</sup> SALDARINI, 2000, p. 57-58.

<sup>142</sup> DUPONT, Jacques. **Por que parábolas?:** o método parabólico de Jesus. Trad. Mosteiro da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 15-16.

<sup>143</sup> DUPONT, 1980, p. 19.

<sup>144</sup> MIRANDA, 1984, p. 225.

A partir das ações e comportamentos dos personagens das parábolas é possível entendê-las como uma orientação para a conduta da vida.<sup>145</sup> Esta reflexão sobre as ações nas parábolas deve levar o ouvinte a compreender o comportamento que dele se espera, ou ajudá-lo a descobrir como o ministério de Jesus se desenvolve.<sup>146</sup> Há uma mudança de paradigma para com os textos proféticos do Antigo Testamento, enquanto estes anunciavam o advento do Reino de Deus, no Novo Testamento, mais precisamente em Jesus, o Reino é vivo e eficaz, ele é instaurado ainda que esteja em construção.

Algumas parábolas levam o ouvinte a uma interpretação alegórica dos elementos presentes no texto. A parábola do joio, descrita por Mateus, por exemplo, conta com uma interpretação alegorizante, que não se limita a uma lição global tirada do texto; cada elemento revela um sentido próprio.<sup>147</sup> Sobre esse tipo de interpretação, Miranda alerta para o risco de a alegoria trair o sentido que o texto quer exprimir. Segundo ele, numa interpretação alegórica, aquele que interpreta cada sinal pode acabar chegando a lições contraditórias, dizendo o que o intérprete quer e não aquilo que o texto contém e ensina.<sup>148</sup>

É importante ressaltar a diferença básica entre parábola e alegoria. A parábola narra uma realidade conhecida através da qual o leitor irá conhecer uma realidade desconhecida. Já a alegoria desenvolve uma comparação entre duas realidades conhecidas. Enquanto o autor da parábola deixa aberta a interpretação para o ouvinte, aquele que faz a alegoria deixa claro a mensagem, ou a interpretação, que quer expressar.<sup>149</sup> Após a compreensão do termo parábola e sua relação com a dinâmica do Reino, parte-se para as parábolas mateanas em si mesmas.

### 3. 1 CAPÍTULO 13 DE MATEUS

Na estrutura do evangelho de Mateus, encontra-se o terceiro discurso de Jesus, contido no capítulo 13. Essa exposição de Jesus está no centro da catequese de Mateus e é chamado de discurso parabólico.

---

<sup>145</sup> JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Trad. João Rezende Costa. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 40.

<sup>146</sup> DUPONT, 1980, p. 30.

<sup>147</sup> JEREMIAS, 2007, p. 84-85.

<sup>148</sup> MIRANDA, 1984, p. 32-33.

<sup>149</sup> MARCONCINI, 2001, p. 213-215.

O evangelista reúne sete parábolas com foco no conhecimento dos mistérios do Reino dos Céus.<sup>150</sup> O modo como o reino se constrói na história é exposto aos discípulos para que eles possam interpretar o ministério de Jesus e seu destino, que futuramente também será o destino dos discípulos. Com as parábolas, o evangelista quer evitar adesões apressadas e inconsistentes ao projeto de Jesus, pois o discípulo deve manter vivo o compromisso com o Reino.<sup>151</sup>

Quando os ouvintes de Mateus chegam ao capítulo 13, já possuem algumas noções sobre o Reino de Deus, expressas nos capítulos anteriores. Pode-se compreender a partir dos capítulos de 1 a 12 que: o Reino é manifesto nas palavras e ações de Jesus, é ação de Deus, opõe-se ao Império Romano, divide, cria um novo modo de vida, compete com o reino do maligno, está presente no mundo e a sua manifestação só será completa quando for estabelecida sobre toda a criação.<sup>152</sup> Até então, pode-se dizer, que o Reino anunciado por Mateus possui muitas das características históricas do judaísmo, apontadas e anunciadas pelo discurso profético, claro quem em suas vicissitudes de profeta para profeta.

Dentro do discurso parabólico de Jesus no Evangelho de Mateus estão contidas as seguintes parábolas: a parábola do semeador<sup>153</sup>, a parábola do joio<sup>154</sup>, parábola do grão de mostarda<sup>155</sup>, a parábola do fermento contida em um único versículo<sup>156</sup>, as parábolas do tesouro e da pérola<sup>157</sup> e a parábola da rede<sup>158</sup>. Duas destas parábolas contam com uma explicação própria, dirigidas aos discípulos, as parábolas do semeador e do joio. Mateus introduz a maioria dessas parábolas com uma fórmula de comparação: “O Reino dos Céus é semelhante...”, fazendo assim uma ligação entre o Reino de Deus e a realidade conhecida pelos ouvintes.<sup>159</sup>

---

<sup>150</sup> VITÓRIO, 2019, p. 151-152.

<sup>151</sup> VITÓRIO, 2019, p. 152.

<sup>152</sup> CARTER, 2002, p. 360.

<sup>153</sup> Mt 13,3-9.

<sup>154</sup> Mt 13,24-30.

<sup>155</sup> Mt 13,31-32.

<sup>156</sup> Mt 13,33.

<sup>157</sup> Mt 13,44-46.

<sup>158</sup> Mt 13,47-50.

<sup>159</sup> CARTER, 2002, p. 361.

As parábolas desenvolvem aspectos do Reino de Deus, como a alegria, o desenvolvimento, a dinâmica e a justiça. Através das parábolas procura-se reproduzir algo do Reino, chamando as pessoas a uma mudança de atitudes diante da iminência do reinado de Deus. As parábolas não identificam ou delimitam o Reino de Deus; elas visam explicar por meio de algumas características em que consiste o Reino, provocando nos ouvintes um juízo, uma atitude de abertura.<sup>160</sup>

As parábolas, como visto, reafirmam, a seu modo, o reinado de Deus e suas consequências, já apresentadas nos textos antigos, como: justiça, direito, paz. Além disso, repropõem plenamente, na figura do Rei-Messias, o que fora prefigurado não plenamente em Davi e Salomão.

Tendo exposto o tema das parábolas, e como elas se apresentam no capítulo 13 do evangelho de Mateus, vai-se descrever a teologia do Reino contida nas parábolas deste capítulo, sem a pretensão de esgotar a interpretação, mas entendendo-as como um caminho de conhecimento do Reino.

### 3.1.1 O Reino de Deus é semeado

A parábola do semeador abre o discurso parabólico de Jesus no capítulo 13 de Mateus. Jesus deixa a casa, sobe no barco e, tendo como ouvintes a multidão e os discípulos, começa a falar em parábolas.<sup>161</sup>

Ele dizia: “Eis que o semeador saiu para semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho e as aves vieram e comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra. Logo brotou, porque a terra era pouco profunda. Mas, ao surgir o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou. Outra parte ainda caiu entre os espinhos. Os espinhos cresceram e a abafaram. Outra parte, finalmente, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!”<sup>162</sup>

---

<sup>160</sup> BRAKEMEIER, Gottfried. **As parábolas de Jesus**: imagens do reino de Deus. São Leopoldo: Sinodal, 2016. p. 27-28.

<sup>161</sup> VITÓRIO, 2019, p. 153.

<sup>162</sup> Mt 13,3-9.

Na parábola do semeador, Jesus usa da realidade agrícola e da maneira de cultivo comum na Palestina para falar do anúncio e da recepção de sua Palavra. O pano de fundo do texto é a missão tanto de Jesus quanto da comunidade dos discípulos, que encontram em seu caminho todo tipo de pessoas, com diferentes atitudes na recepção do Reino semeado.<sup>163</sup>

A mensagem evangélica, a Palavra do Reino, é lançada por Cristo e depois continuamente pela Igreja no mundo e no coração dos homens. São diversos os terrenos que recebem a semente da Palavra, mas, apesar das dificuldades iniciais e do aparente fracasso, as sementes darão muito fruto.<sup>164</sup> A parábola revela a natureza dos terrenos, os inférteis não acolhem a semente; somente a terra boa acolhe a palavra do Reino e a frutifica.<sup>165</sup>

Jesus é o protagonista da parábola, o semeador, que sai do Pai para semear o Reino no meio dos homens. Os terrenos em que a semente é lançada – à beira do caminho, o terreno pedregoso, entre os espinhos – tanto significam o solo palestino de difícil cultivo, como ilustram as dificuldades e os fracassos enfrentados por Jesus e pelos discípulos na pregação. Apesar das dificuldades, o Reino triunfará e dará muito fruto além do que o solo da Palestina é capaz de produzir.<sup>166</sup> A colheita abundante coroa os esforços do semeador, as dificuldades e problemas serão recompensados por um resultado feliz e inesperado.<sup>167</sup>

Outrossim, ao final da parábola do semeador Jesus lança um apelo aos ouvintes: “Quem tem ouvidos, ouça!”<sup>168</sup> convidando, assim, ao discernimento e buscando o verdadeiro significado em suas palavras.<sup>169</sup> Vitório aprofunda a interpretação deste alerta de Jesus:

A advertência: *Quem tiver ouvidos, ouça!* (v. 9) serve de alerta para os discípulos-apóstolos incautos e desavisados. Cuidado para não nutrirem expectativas ingênuas de sucesso, aplausos e reconhecimento. O Reino constrói-se

---

<sup>163</sup> VITÓRIO, 2019, p. 154.

<sup>164</sup> LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. Trad. Antonio Angonese; Ephraim Frreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 127.

<sup>165</sup> QUESNEL, 1997, p. 52.

<sup>166</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 127.

<sup>167</sup> STORNIOLO, 2011, p.94.

<sup>168</sup> Mt 13,9.

<sup>169</sup> CARTER, 2002, p. 363.

de maneira sutil, longe dos esquemas mundanos de grandeza. O pessimismo e o fracasso são incompatíveis com o ideal dos servidores do Reino.<sup>170</sup>

Neste comentário passa-se a compreender a dinâmica do Reino. “[...] porquanto o Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito Santo”.<sup>171</sup> Isto é, o Reino não está sujeito aos esquemas mundanos, governado por um rei terreno, mas sim, o Reino ocorre na gesta do Deus-Rei, em um dinamismo que lhe é próprio.

Jesus se coloca a explicar a parábola do semeador<sup>172</sup>. Aqui o foco está no destino das sementes, nos tipos de terrenos em que elas foram semeadas. Jesus fala aos discípulos que são capazes de compreender<sup>173</sup>, contudo, mesmo compreendendo, têm muito o que aprender.<sup>174</sup>

A semente é a Palavra do Reino, o anúncio feito por Jesus da misteriosa realidade do Reino de Deus, que depois se torna a mensagem apostólica dirigida ao mundo todo. Aquele que não entende a Palavra do Reino não a acolhe e se mostra resistente a assumi-la e colocá-la em prática em sua vida.<sup>175</sup>

A Palavra semeada no terreno pedregoso representa aqueles que acolhem a mensagem do Senhor, mas diante das primeiras provas e dificuldades por causa da palavra acabam não resistindo.<sup>176</sup> Estes acolhem a Palavra com alegria, pois sentem a presença de Deus diante do confronto que a adesão a Palavra acarreta, e diante da perseguição que o discípulo de Jesus sofre, acabam tropeçando.<sup>177</sup>

A parte da semente que cai em meio aos espinhos faz alusão àqueles que ouvem a palavra, mas se tornam infrutuosos, pois se deixam levar pelos cuidados do mundo e pela sedução das riquezas. Aderem à Palavra apenas superficialmente; nos corações não reina Deus, mas a ganância e o poder da riqueza.<sup>178</sup> Neste ponto, pode-se fazer referência

<sup>170</sup> VITÓRIO, 2019, p. 154, grifo do autor.

<sup>171</sup> Rm 14,17.

<sup>172</sup> Mt 13,18-23.

<sup>173</sup> Mt 13,16.

<sup>174</sup> CARTER, 2002, p. 367.

<sup>175</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 130.

<sup>176</sup> VITÓRIO, 2019, p. 157.

<sup>177</sup> CARTER, 2002, p. 368.

<sup>178</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 130.

ao povo da Antiga Aliança, aos saduceus, aos fariseus e aos escribas que, apesar de terem recebido a Palavra, não a colocaram em prática e, desta forma, eram hipócritas. Verdadeiros “[...] sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão”<sup>179</sup>.

A terra boa é aquele que ouve a Palavra e a entende e a faz frutificar; este é o autêntico discípulo que ouve a Palavra de Deus, a acolhe em seu coração e a faz frutificar.<sup>180</sup> É aquele que aceita o convite para ser um discípulo do Reino o torna seu projeto de vida, trabalha e se doa para que dê muito fruto, tanto fruto que recompensa a perda dos outros solos.<sup>181</sup>

A parábola do semeador e sua explicação exibem as atitudes prováveis dos homens diante da mensagem de salvação anunciada por Jesus. O Reino de Deus não é algo imposto, mas necessita ser acolhido para gerar bons frutos. Quando a semente encontra terra boa, o Reino cresce e frutifica. Diferente dos Impérios que se impuseram sobre Israel, com uso de força, através das guerras e escravidão do povo, o Reino anunciado por Cristo é um dom, não se impõe sobre a vida dos homens. O Reino de Deus é acolhido na liberdade do coração humano, como uma semente lançada que espera a boa acolhida do terreno.

### **3.1.2 O Reino em crescimento**

Jesus não apresenta o Reino como uma realidade estanque ou acabada, mas como uma realidade em desenvolvimento e transformação. Manifesta isso através das parábolas do grão de mostarda e do fermento.

#### **3.1.2.1 O grão de mostarda**

Para falar do crescimento e da transformação do Reino de Deus, Jesus propõe outra parábola e apresenta o Reino comparando-o a uma semente de mostarda.

O Reino dos Céus é semelhante a um grão de mostarda que um homem tomou e semeou no seu

---

<sup>179</sup> Mt 23,27

<sup>180</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 130.

<sup>181</sup> VITÓRIO, 2019, p. 157.

campo. Embora seja a menor de todas as sementes, quando cresce é a maior das hortaliças e torna-se árvore, a tal ponto que as aves do céu se abrigam nos seus ramos.<sup>182</sup>

A parábola do grão de mostarda apresenta o misterioso modo como o Reino se desenvolve. Em seu pequeno tamanho é considerado insignificante e apresentado inicialmente de forma humilde, mas pode alcançar grandes proporções. De pequeno grão de mostarda crescerá a ponto de acolher em seus ramos os povos da terra.<sup>183</sup>

Os discípulos de Jesus devem compreender que sua missão inicia pequena, porém seu destino é tornar-se grande a ponto de abraçar com seus ramos todas as nações. Isso servirá de consolo e ânimo para que a missão dos discípulos seja levada a diante, mesmo nos momentos de cansaço e provações. A esperança na plenitude do Reino é o que leva os discípulos em frente na missão.<sup>184</sup>

A semente de mostarda muito pequena, quando cresce, pode chegar a 4 metros de altura e, assim, ser chamada de árvore. O Reino de Deus de forma semelhante tem seu início humilde e singelo, mas seu destino é crescer. Nos galhos desta árvore, os mais diversos tipos de aves encontraram descanso.<sup>185</sup> “A árvore, então, é uma imagem do reinado de Deus, notavelmente a soberania de Deus sobre as nações.”<sup>186</sup>

Aqui há outro contraponto para com o Antigo Testamento. Os livros proféticos anunciavam e aguardavam um Messias Deus-guerreiro, Senhor dos exércitos. Este instauraria um reino político-social, destruindo os dominadores e restaurando a casa de Israel. Conquanto, Jesus apresenta outra figura de Reino, que nasce e frutifica em cada ser humano, na pequenez e não na apoteose. Mas, é justamente nesta pequenez que a grandiosidade de Deus e de seu Reino é manifesta. O início do Reino é pequeno, simples, mas por fim é grandioso.

### 3.1.2.2 O fermento na massa

A ação do homem que semeia o grão de mostarda é aproximada da ação da mulher que coloca um pouco de fermento em grandes

---

<sup>182</sup> Mt 13,31-32.

<sup>183</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 132.

<sup>184</sup> VITÓRIO, 2019, p. 159.

<sup>185</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 132.

<sup>186</sup> CARTER, 2002, p. 372.

medidas de farinha.<sup>187</sup> Seguindo a parábola do grão de mostarda, Mateus apresenta a parábola do fermento:

Contou-lhes outra parábola: ‘O Reino dos Céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e pôs em três medidas de farinha, até que tudo ficasse fermentado’.<sup>188</sup>

A pequena quantia de fermento colocada na grande quantidade de farinha mostra sua presença através do crescimento dessa massa. Apesar de, na massa, o fermento estar misturado, não podendo mais ser encontrado, sua presença é aparente pela ação no crescimento da massa. Assim os discípulos do Reino, no mundo fazem-se notar pelo crescimento dos valores do Reino na sociedade, na prática da misericórdia e no testemunho de justiça.<sup>189</sup>

Assim, independente de a força de crescimento do Reino de Deus não ser visível aos homens, mesmo escondida ela fará crescer e amadurecer a realidade divina do Reino na terra. O Reino contém em si essa força silenciosa que o leva a crescer até que toda a massa seja fermentada, isto é, que fermente toda a terra.<sup>190</sup>

As parábolas do grão de mostarda e do fermento insistem no contraste entre o início tão pequeno do Reino e a transformação e crescimento que se conclui no fim das parábolas.<sup>191</sup> Sobre elas, Joachim Jeremias afirma:

Os ouvintes de Jesus entenderam as parábolas do grão de mostarda e do fermento, como parábolas de contraste. Seu sentido é: De inícios míseros, dum nada para olhos humanos, Deus realiza o seu reino poderoso que abarcará os povos do mundo.<sup>192</sup>

Apesar do ínfimo sinal ao qual o Reino se assemelha em seu início, onde ele estiver presente, aí há transformação. Apesar de silenciosa, a presença cristã é capaz de transformar a realidade através

---

<sup>187</sup> DUPONT, 1980, p. 17.

<sup>188</sup> Mt 13,33.

<sup>189</sup> VITÓRIO, 2019, p. 159-160.

<sup>190</sup> LANCELOTTI, 1980, p. 133.

<sup>191</sup> JEREMIAS, 2007, p. 149.

<sup>192</sup> JEREMIAS, 2007, p. 150.

do seu testemunho de vida. O Reino não vem por imposição, mas trabalha com o passar do tempo, estabelecendo o reinado de vida plena sobre todos.<sup>193</sup> Enquanto os reinos humanos se valem de propagandas e grandes feitos para consolidarem seu poder, o Reino que Jesus anuncia age de forma transformadora e se consolida no meio dos homens silenciosamente, como o fermento na massa. O Reino manifesta-se, principalmente, nos valores inculcados, dado que se inicia no coração dos homens e, estes, correm para adquirir o Reino por causa de seu incomparável valor.

### 3.1.3 O valor do Reino

As parábolas do tesouro escondido e da pérola preciosa apresentam um Reino que é desejado pelo seu valor especial; aquele que o encontra faz de tudo para possui-lo. Quem encontra o Reino de Deus deve deixar tudo para entrar nele.

O Reino dos Céus é semelhante ao tesouro escondido num campo; um homem o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai, vende tudo o que possui e compra aquele campo. O Reino dos Céus é ainda semelhante ao negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai vende tudo o que possui e a compra.<sup>194</sup>

Os dois relatos parabólicos têm em comum a descoberta de um bem precioso que leva o personagem a buscá-lo, mesmo que lhe custe tudo o que possui. Um encontra o tesouro enquanto trabalha; o outro busca encontrar a pérola. A ação que segue após o encontro aproxima os dois relatos.<sup>195</sup>

Aquele que trabalha no campo de outro, encontra o tesouro e o esconde até que possa comprar o terreno, assim como o administrador infiel<sup>196</sup> age com prudência para conseguir o que almeja. Sacrifica todos

---

<sup>193</sup> CARTER, 2002, p. 373.

<sup>194</sup> Mt 13,44-46

<sup>195</sup> GOURGUES, Michel. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus**: das origens à atualidade. Trad. Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2004. p. 58.

<sup>196</sup> Lc 16,8.

os seus bens para possuir o tesouro encontrado, mas esse sacrifício é acompanhado da alegria da posse dessa fabulosa riqueza.<sup>197</sup>

A alegria é associada ao encontrar a presença de Deus, a recepção do anúncio do Reino de Deus. A pérola e o tesouro são tão importantes que vale a pena ariscar tudo para obtê-los, até a própria vida. Diferentemente do jovem rico<sup>198</sup> os dois personagens vendem tudo que têm para ter o tesouro no céu.<sup>199</sup>

O tesouro e a pérola são imagens para o reino de Deus que vem ‘de fora’ para salvar o ser humano de tudo o que diminui a vida. [...] A disposição em vender todos os bens é decorrência natural da magnitude da descoberta, não de um esforço especial que merece aplausos.<sup>200</sup>

O Reino de Deus é uma prioridade para quem o encontra; aquele que o acolhe deve fazê-lo de todo o coração, numa adesão total. As riquezas deste mundo não se comparam ao valor do Evangelho, aquele que o encontra sacrifica seus bens materiais e seu status para se abrir ao Evangelho.<sup>201</sup>

O trabalhador que encontra o tesouro é imagem do discípulo que considera o Reino como o essencial em sua vida e coloca as outras coisas em segundo plano; na alegria vive o desapego aos bens materiais. O comerciante de pérolas é a figura do discípulo que busca o Reino até encontrá-lo, quando encontra todas as outras coisas perdem seu valor diante da aquisição desse bem maior.<sup>202</sup>

O Reino de Deus não se apossa das pessoas, assim como o comprador elas devem procurá-lo. Quando se encontra o Reino ele deve tornar-se um compromisso incondicional, que não pode ser limitado nem pelas posses ou por outras prioridades da pessoa.<sup>203</sup>

Vale, aqui, contrastar o Reino de Deus com os reinos terrenos que dominaram Israel. Enquanto os reis terrenos e seus reinados usurpavam o povo, pilhavam, escravizavam e exploravam as pessoas e a

---

<sup>197</sup> LANCELOTI, 1980, p. 135.

<sup>198</sup> Mt 19,21-22.

<sup>199</sup> CARTER, 2002, p. 378.

<sup>200</sup> BRAKEMEIER, 2016, p. 63.

<sup>201</sup> GOURGUES, 2004, p. 68-69.

<sup>202</sup> VITÓRIO, 2019, p. 162-163.

<sup>203</sup> CARTER, 2002, p. 378-379.

terra, o Reino de Deus é justamente o contrário. Pois, no reinado de Deus a liberdade plena acontece, isto se dá pelo cumprimento do direito e da justiça. Outrossim, o Reino de Deus não é comparável ou igualável aos bens materiais, dado que vale mais do que qualquer tesouro que possa ser conquistado pelas forças do homem.

Além do que fora apresentado, fecha-se o discurso em parábolas apontando para as realidades últimas, para o Reino escatológico. Neste findar, se instaurará definitivamente o reinado de Deus e de seu Messias, juiz no fim do mundo como arrogado por Henoc<sup>204</sup>. Assim, o Mestre aponta para o tempo da justiça, do direito e da paz definitivos.

### 3.1.4 A escatologia do Reino de Deus

A parábola do joio e a da rede apresentam-se com um ensinamento semelhante. Os bons e os maus conviverão no mundo até o fim do século quando serão separados definitivamente. A cada um será dado um destino conforme sua conduta, desse modo, enquanto estão juntos, os discípulos devem ter paciência para suportar os outros.<sup>205</sup>

#### 3.1.4.1 A parábola do joio e do trigo

O reino dos Céus é semelhante ao homem que semeou boa semente no seu campo. Enquanto todos dormiam, veio seu inimigo e semeou o joio no meio do trigo e foi-se embora. Quando o trigo cresceu e começou a granar, apareceu também o joio. Os servos do proprietário foram procurá-lo e lhe disseram: “Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Como então está cheio de joio?” Ao que este respondeu: ‘Um inimigo é que fez isso’. Os servos perguntaram-lhe: ‘Queres, então, que vamos arranca-lo?’ Ele respondeu: ‘Não, para não acontecer que, ao arrancar o joio, com ele arranqueis também o trigo. Deixai-os crescer juntos até a colheita. No tempo da colheita, direi aos ceifeiros: Arrancai primeiro o joio e atai-o em feixes para ser queimado; quanto ao trigo, recolhei-o no meu celeiro’.<sup>206</sup>

---

<sup>204</sup> SALDARINI, 2000, p. 276.

<sup>205</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 131.

<sup>206</sup> Mt 13,24-30.

Na explicação<sup>207</sup> que Jesus traz da parábola do joio, as sementes boas lançadas pelo homem são os filhos do Reino, e as sementes de joio lançadas por um inimigo são os filhos do maligno. As boas sementes são lançadas pelo Filho do Homem e as sementes de joio pelo inimigo, identificado no Evangelho como o Diabo. Na hora do julgamento o Filho do Homem ordenará que o joio seja lançado para fora de seu Reino, enquanto os justos resplandecerão no Reino do Pai.<sup>208</sup>

O Reino de Deus é a realidade escatológica, para a qual todos são chamados, mas onde só os justos entrarão. No mundo, bons e maus vivem lado a lado. Os discípulos devem aceitar que na missão haverá dificuldades no caminho, os falsos profetas podem atrapalhar a pregação da Boa Nova, desvirtuando e levando muitos à perdição.<sup>209</sup>

O desejo dos servos de arrancar logo o joio do meio do trigo manifesta o desejo do iminente juízo escatológico de alguns grupos, como os fariseus e os essênios, que buscavam se separar do mal do século e, por se identificarem como justos, colocavam-se em guerra com o mal. Isso marca a impaciência, o intuito de apressar o dia da colheita, da purificação.<sup>210</sup>

Os valores do Reino de Deus devem tomar corpo em um mundo bem real, onde eles não são os únicos. Os discípulos não poderiam, à maneira farisaica ou dos essênios, construir uma comunidade à parte.<sup>211</sup>

O inimigo está atuando ativamente no mundo para tirar os filhos do Reino de seu caminho. No final da existência se esclarecerá, entre os filhos do Reino, os fiéis autênticos que não cederam às investidas do inimigo ou às sementes do mal, os maus cristãos que praticam a iniquidade. Os filhos do Reino, os eleitos, brilharão como o sol e viveram uma vida nova na plenitude do Reino. Os que resistiram aos propósitos de Deus, serão fadados ao castigo.<sup>212</sup> O Evangelho chama os homens a uma mudança de vida e garante que receberão de Deus a

---

<sup>207</sup> Mt 13,36-43.

<sup>208</sup> QUESNEL, 1997, p. 52.

<sup>209</sup> VITÓRIO, 2019, p. 161.

<sup>210</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 131-132.

<sup>211</sup> GOURGUES, 2004, p. 51.

<sup>212</sup> LANCELLOTTI, 1980, p. 134.

graça para alcançarem a salvação. Apesar das dificuldades que a presença do joio causa, haverá colheita e o bem dominará.<sup>213</sup>

### 3.1.4.2 A parábola da rede

A parábola da rede se assemelha à parábola do joio. As duas se orientam para o juízo final, que o Reino de Deus inicia.<sup>214</sup>

O Reino dos Céus é ainda semelhante à rede lançada ao mar, que apanha de tudo. Quando está cheia, puxam-na para a praia e, sentados, juntam o que é bom em vasilhas, mas o que não presta, deitam fora. Assim será no fim do mundo: virão os anjos e separarão os maus dos justos e os lançarão na fomalha ardente. Ali haverá choro e ranger de dentes.<sup>215</sup>

Como foi separado o trigo do joio, nesta parábola são separados os peixes comestíveis e não comestíveis. Os bons serão recolhidos, os que não prestam jogados fora, para a fomalha ardente. Assim como o trigo é recolhido no celeiro e os peixes em vasilhas, a comunidade dos santos de Deus, livres de todos os males, os dispersos reunidos, formarão o povo do Reino de Deus.<sup>216</sup>

Podemos concluir ao fim deste capítulo que o Reino de Deus semeado por Jesus é acolhido de diversas formas pelas pessoas. Os que, como solo fértil, o acolhem fazem a Palavra frutificar em suas vidas. O Reino de Deus se manifesta nas pequenas coisas, mas tem a força que o faz transformar a si mesmo e o mundo ao seu redor. O Reino de Deus é tão precioso que vale deixar todos os bens do mundo para possuí-lo. O inimigo age tentando atrapalhar o crescimento do Reino, mas apesar das tribulações o Reino triunfará e, com ele, os que lhe forem fiéis e que não se deixarem levar pelo inimigo.

---

<sup>213</sup> GOURGUES, 2004, p. 54.

<sup>214</sup> JEREMIAS, 2007, p. 225.

<sup>215</sup> Mt 13,47-50.

<sup>216</sup> JEREMIAS, 2007, p. 225-226.

## CONCLUSÃO

A partir do estudo feito e da elaboração deste trabalho afirma-se que o aprofundamento na temática do Reino de Deus a luz das parábolas apresentadas por Mateus é o caminho percorrido para falar do Reino desejado e prometido por Jesus.

No primeiro capítulo foi analisada a concepção de Reino de Deus no Antigo Testamento. Como a partir dos povos vizinhos Israel começa a conceber a ideia da realeza de Deus, que cria o mundo e o governa. Pode-se observar o processo de elaboração da ideia de Reino divino, esta ideia que vai se desenvolvendo no desenrolar da história do povo de Deus. Diante das adversidades políticas ou sociais a ideia vai se adaptando sem que o Reino de Deus deixe de ser sonhado no pensamento do povo de Israel.

A partir da concepção do Reino do Antigo Testamento e das esperanças em torno do seu advento, entende-se o Reino que Jesus veio apresentar a todos os homens. Jesus é aquele que cumpre as profecias, é ele o Messias prometido que inaugura o Reino de Deus. Jesus convida os homens a mudança de vida, devido a iminência da chegada de seu Reino.

Assim, no segundo capítulo apresentou-se o contexto histórico e as ideias de reino no tempo de Jesus. As dominações políticas e militares por que passa o Povo de Deus e mais tarde também o grupo cristão, como no Antigo Testamento, influencia o pensamento sobre o Reino de Deus. As dominações estrangeiras acendem na comunidade de Israel o anseio pelo pleno cumprimento da promessa do governo divino da terra. A esperança messiânica perpassa muitos grupos religiosos judaicos, mas a comunidade cristã é a mais messiânica entre os grupos religiosos. Conquanto, o Reino que Jesus anuncia não se assemelha aos reinos políticos que dominam a Palestina.

A teologia do Reino de Deus, contida nas parábolas do capítulo 13 do evangelho de Mateus, foram descritas no terceiro capítulo deste trabalho. Jesus usa das parábolas como meio para ensinar, de maneira simples, os mistérios do Reino de Deus. Através das parábolas Jesus fala de uma forma acessível ao homem, para que ele possa perceber o mistério do Reino a partir de realidades concretas da vida.

A partir das parábolas, Jesus quer chamar o homem a abrir-se para a graça de Deus e fazer que o Reino seja uma realidade presente através da ação humana no mundo. Apesar das dominações e dos conflitos o Reino de Deus triunfará sobre o inimigo.

Conclui-se, portanto, que o Reino é uma realidade presente na vida humana instaurada por Jesus Cristo, que convida a humanidade a aderirem como norma de vida. Este Reino é de valor incalculável, é uma realidade que cresce. Esse Reino cresce quando vivemos o amor, a justiça, o perdão e buscamos construir a paz.

Vale lembrar que o Reino de Deus é uma realidade que não pode ser esgotada. Portanto, o Reino de Deus apresentado por Jesus, seja por ensinamentos, parábolas, milagres, continua sendo uma dimensão transcendental que não podemos conhecer com conceitos humanos.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Jerusalém. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

BONNARD, Pierre Émile; GRELOT, Pierre. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

BORN, Adrianus V. D. Escriba. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Hasmoneus. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Parábola. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

BRAKEMEIER, Gottfried. **As parábolas de Jesus: imagens do reino de Deus**. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

BUSSMAN, Magdalene. Reino de Deus. In: EICHER, Peter (Org.). **Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus: comentário sociopolítico e religioso a partir das margens**. Trad. Walter Lisboa. São Paulo: Paulus, 2002.

DE FRAINE, J. Saduceus. In: BORN, Adrianus V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

DEVILLE, Raymund; GRELOT, Pierre. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DUPONT, Jacques. **Por que parábolas?: o método parabólico de Jesus**. Trad. Mosteiro da Virgem. Petrópolis: Vozes, 1980.

GOTTWALD, Norman Karol. **As tribos de Iahweh**: uma sociologia da religião de Israel liberto, 1250-1050 a.C. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1986.

GOURGUES, Michel. **As parábolas de Jesus em Marcos e Mateus**: das origens à atualidade. Trad. Odila Aparecida de Queiroz. São Paulo: Loyola, 2004.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império**: O Reino de Deus e a nova desordem mundial. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

JEREMIAS, Joachim. **As parábolas de Jesus**. Trad. João Rezende Costa. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

LANCELLOTTI, Angelo. **Comentário ao evangelho de São Mateus**. Trad. Antonio Angonese; Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1980.

MARCONCINI, Benito. **Os evangelhos sinóticos**: formação, redação, teologia. Trad. Clemente Raphael Mahl. São Paulo: Paulinas, 2001.

MIRANDA, Osmundo Afonso. **Introdução ao estudo das parábolas**. São Paulo: ASTE, 1984.

NELIS, J. Filho do Homem. In: BORN, Adrianus. V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. Reino de Deus. In: BORN, Adrianus. V. D. (Org.). **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. Trad. Frederico Stein. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

PIXLEY, George V. **O Reino de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1986.

QUESNEL, Michel. Introdução. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. O Reino de Deus em Mateus. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997.

RIBEIRO, Ari Luís do Vale. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**: revista do Programa de Estudos em Teologia da PUC/SP, v. 17, n. 66, p. 27-54, jan/mar 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/viewFile/15490/1569>>. Acesso em: 28 abr. 2021.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como ler o livro de Zacarias: o profeta da reconstrução**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

SALDARINI, Anthony J. **A comunidade judaico-cristã de Mateus**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2000.

SESBOŨÉ, Daniel. Parábola. In: LÉON-DUFOUR, Xavier (Dir.). **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Trad. Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

SICRE, José Luis. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **Profetismo em Israel: o profeta. os profetas. a mensagem**. Trad. João Luís Baraúna. Petrópolis: Vozes, 1996..

SILVA, José Roberto Limas da. História da Palestina do primeiro século: possíveis contextualizações e aprendizados. **Núcleo do Conhecimento**: revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento, ano 5, v. 21, n.11, p. 66-76, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/historia-da-palestina>>. Acesso em: 04 maio 2021.

STORNILOLO, Ivo. **Como ler o evangelho de Mateus: o caminho da justiça**. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

TASSIN, Claude. O Reino de Deus no judaísmo do século I de nossa era. In: QUESNEL, Michel (Cord.). **Evangelho e Reino de Deus**. Trad. M. Cecília de M. Duprat. São Paulo: Paulus, 1997.

VITÓRIO, Jaldemir. **Lendo o evangelho segundo Mateus: O caminho do discipulado do Reino**. São Paulo: Paulus, 2019.